

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**INSTITUTO DE LINGUAGENS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM**

**KYLZ MARIELLY SOUZA MEIRELES**

**INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE**  
**NOS CONTOS DE PATY WOLFF**

**Cuiabá - MT**

**2025**

**KYLZ MARIELLY SOUZA MEIRELES**

**INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE  
NOS CONTOS DE PATY WOLFF**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para a obtenção do título de mestre em Estudos de Linguagem, na Área de Concentração de Estudos Literários, na Linha de Pesquisa: Literatura, Sociedade e Identidade.

**Orientadora:** Profa. Dra. Mariana Bolfarine

**Cuiabá - MT  
2025**

### Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

M514i Meireles, Kylz Marielly Souza.  
INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE  
NOS CONTOS DE PATY WOLFF [recurso eletrônico] /  
Kylz Marielly Souza Meireles. -- Dados eletrônicos (1  
arquivo : 109 f., il. color., pdf). -- 2025.

Orientadora: Mariana Bolfarine.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de  
Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-  
Graduação em Estudos de Linguagem, Cuiabá, 2025.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Literatura brasileira. 2. Interseccionalidade. 3.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO: INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE NOS CONTOS DE PATY WOLFF**

AUTORA: MESTRANDA KYLZ MARIELLY SOUZA MEIRELES

Dissertação defendida e aprovada em 6 de março de 2025.

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

**1. DOUTORA MARIANA BOLFARINE (PRESIDENTE BANCA/ORIENTADORA)**

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS - UFR

**2. DOUTORA DIVANIZE CARBONIERI (MEMBRO INTERNO)**

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT

**3. DOUTOR MARCELO CÉSAR VELASCO E SILVA (MEMBRO EXTERNO)**

INSTITUIÇÃO: INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO - IFMT

**4. DOUTORA ANA PAULA DE SOUZA (SUPLENTE)**

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT

**5. DOUTOR RENILSON ROSA RIBEIRO (SUPLENTE)**

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar

**Cuiabá-MT, 6 de março de 2025.**

---



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Bolfarine, Usuário Externo**, em 07/03/2025, às 21:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo César Velasco E Silva, Usuário Externo**, em 08/03/2025, às 17:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **DIVANIZE CARBONIERI, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 24/03/2025, às 21:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufmt.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **7667894** e o código CRC **69592654**.

---

Aos meus sobrinhos Samuel, Ana Helena e Miguel.

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é dedicada a todas as mulheres da minha família que vieram anteriores a mim, mas foram impossibilitadas de estudar, ou sequer sonhar em ingressar em um programa de pós-graduação. Adentrar e permanecer neste espaço significa interromper o ciclo de servidão ao qual mulheres negras em situação de pobreza têm sido relegadas desde o período colonial no Brasil.

Este trabalho representa uma fase de imenso crescimento acadêmico e pessoal na minha vida, e sou profundamente grata a todos que contribuíram, de alguma forma, para que chegasse até aqui.

A realização desta pesquisa só foi possível graças ao apoio de instituições e pessoas que viabilizaram minha formação como pesquisadora. Agradeço ao Governo Federal, representado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, cujo retorno à presidência, no mesmo ano em que iniciei o mestrado, garantiu a continuidade de políticas voltadas à valorização da educação pública e da ciência, fortalecendo a pesquisa no Brasil.

Sou igualmente grata à **Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, cujo apoio financeiro foi essencial para a minha dedicação integral aos estudos.

Agradeço à **Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)**, que me proporcionou a estrutura necessária para desenvolver esta pesquisa, e ao **Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL)**, por fomentar o meu crescimento na pesquisa científica brasileira.

Minha gratidão profunda à minha orientadora **Dra. Mariana Bolfarine**, que nunca mediu esforços para me guiar gentilmente ao longo desses dois anos. Suas orientações em nossas reuniões sobre disciplinas, artigos e seminários foram essenciais. Nossos encontros semanais antes da qualificação foram pontuais e fundamentais no desenvolvimento do relatório. Foi uma grande sorte ter sua orientação, e expresse minha mais profunda admiração e gratidão.

Agradeço imensamente aos professores que compuseram minha banca: **Dra. Divanize Carbonieri**, por quem nutro grande admiração desde a graduação, e **Dr. Marcelo César Velasco e Silva**, que conheci ainda no ensino médio, como professor de desenho técnico no IFMT-Bela Vista. Nossos caminhos se cruzaram novamente na especialização, onde sua amizade e orientação foram fundamentais para a minha entrada no mestrado. Nem nos meus sonhos mais altos eu imaginei que esses professores fariam parte da minha banca.

Aos demais professores do PPGEL, minha profunda gratidão por compartilharem conhecimento e dedicação nos estudos literários. Um agradecimento especial aos **professores Dr. Vinicius Pereira Carvalho e Dr. Ana Paula**, cujas aulas foram enriquecedoras minha pesquisa e formação acadêmica.

Sou grata também aos laços de amizade que construí no mestrado. Ao **Jorge Barbosa, a Maria Júlia, e Matheus Antunes**, nossas trocas foram fundamentais durante os créditos das disciplinas e na jornada acadêmica.

Aos meus pais, **Rosa Maria Souza, José Antônio Medeiros Meireles**, e ao meu padrasto **Silvio**, por todo apoio e por sempre acreditarem em mim. Aos meus irmãos **Edgar Lucas e Mikeias Wendel** e aos meus sobrinhos **Samuel, Ana Helena e Miguel**, pela paciência nos momentos em que estive ausente.

Ao meu companheiro de vida, de planos e de sonhos, **Samuel Luca Oliveira Obolares**, pelo apoio durante o processo de escrita, por gentilmente me ouvir nas leituras, análises e reflexões sobre a interseccionalidade, e por suas palavras de conforto quando eu precisei.

À minha amiga **Lorrynne Lara**, que sempre compreendeu meus anseios como pós-graduanda. Nunca imaginei que ingressaremos juntas na pesquisa, ainda que em áreas diferentes. Nutro muito carinho e orgulho pela mulher e pesquisadora que ela é. Minha confidente desde o ensino médio, ao lado dos queridos **Bruno Renner, Carlos, Hasna, Gabriel e Jean Junior**.

À **Carla Renck**, minha eterna dupla de graduação, agradeço pelo carinho e apoio incondicional de sempre. Sigo admirando a professora que você se tornou.

À minha amiga e cunhada **Vitória**, pelo carinho e suporte essencial, especialmente na reta final de escrita desta dissertação.

Ao **Caio e Felipe**, meus amigos e vizinhos, pelos olhares e reflexões aguçadas nas análises dos contos. Suas leituras foram generosas e fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, mas não menos importante, minha imensa gratidão à minha psicóloga, **Kely**, por me acompanhar e acolher desde quando o mestrado ainda era um plano distante. Seu trabalho foi fundamental para que eu conseguisse permanecer e concluir essa jornada.

A todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho fosse possível: muito obrigada!

***"Eles combinaram de nos matar. Nós combinamos de não morrer."***

— Conceição Evaristo

## RESUMO

A literatura brasileira, ao longo de seu cânone, apresenta desigualdades estruturais que historicamente marginalizaram e inviabilizaram a produção de escritoras negras, como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus. Neste contexto, esta dissertação propõe uma análise dos contos da coletânea *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021) e de “Três contos”, publicados na revista literária virtual *Ruído Manifesto* (2020), da escritora mato-grossense Paty Wolff. O objetivo desta dissertação é investigar como a interseccionalidade e a decolonialidade se manifestam nas obras da autora, situando suas produções no contexto da literatura feminina negra mato-grossense. Além disso, esta dissertação investiga como as ilustrações presentes em *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021) dialogam com os contos sob o conceito de colonialidade do ver, conforme proposto por Joaquín Barriandos (2019). A fundamentação teórica é embasada nas teorias decoloniais, conforme proposto por Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2008) e Ramón Grosfoguel (2016). O conceito de interseccionalidade, central para a compreensão das opressões relacionadas à raça, gênero e classe, é explorado por Kimberlé Crenshaw (2002). Para uma crítica feminista ao capitalismo, recorre-se à perspectiva do feminismo decolonial apresentada por Françoise Vergès (2020). Por fim, as contribuições de Lélia Gonzalez (2020) e Carla Akotirene (2019) oferecem uma visão afro-latino-americana, enriquecendo a análise das problemáticas de gênero no contexto brasileiro. Os resultados desta pesquisa mostram que as narrativas de Paty Wolff denunciam as opressões interseccionais enfrentadas por mulheres negras, e propõem uma ressignificação visual e literária dessas identidades, subvertendo as representações coloniais. A análise demonstrou que, ao integrar texto e imagem, a autora propõe um novo campo simbólico para a população negra, reafirmando a importância de abordagens interseccionais e decoloniais na literatura contemporânea. Este estudo contribui para o debate acadêmico ao evidenciar a relevância das produções de mulheres negras na literatura brasileira, com ênfase na cena mato-grossense, promovendo reflexões sobre identidade, resistência e representação.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira; Interseccionalidade; Decolonialidade; Paty Wolff; Representação das mulheres negras.

## ABSTRACT

Brazilian literature, throughout its canon, presents structural inequalities that have historically marginalized and hindered the production of Black women writers, such as Maria Firmina dos Reis and Carolina Maria de Jesus. In this context, this dissertation proposes an analysis of the short stories from the collection *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021) and from *Três contos*, published in the online literary magazine *Ruído Manifesto* (2020), by the Mato Grosso writer Paty Wolff. The objective of this dissertation is to investigate how intersectionality and decoloniality manifest in the author's works, situating her productions within the context of Black women's literature in Mato Grosso. Furthermore, this dissertation explores how the illustrations in *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021) interact with the short stories, under the concept of coloniality of seeing, as proposed by Joaquín Barriendos (2019). The theoretical framework is based on decolonial theories as proposed by Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2008), and Ramón Grosfoguel (2016). The concept of intersectionality, central to understanding the oppressions related to race, gender, and class, is explored by Kimberlé Crenshaw (2002). A feminist critique of capitalism is approached through the perspective of decolonial feminism presented by Françoise Vergès (2020). Finally, the contributions of Lélia Gonzalez (2020) and Carla Akotirene (2019) offer an Afro-Latin American perspective, enriching the analysis of gender issues in the Brazilian context. The results of this research show that Paty Wolff's narratives denounce the intersectional oppressions faced by Black women and propose a visual and literary resignification of these identities, subverting colonial representations. The analysis demonstrated that by integrating text and image, the author proposes a new symbolic field for the Black population, reaffirming the importance of intersectional and decolonial approaches in contemporary literature. This study contributes to academic debate by highlighting the relevance of Black women's literary productions in Brazilian literature, with an emphasis on the Mato Grosso literary scene, fostering reflections on identity, resistance, and representation.

**Keywords:** Brazilian literature; Intersectionality; Decoloniality; Paty Wolff; Representation of Black women.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                     |    |
|-----------------------------------------------------|----|
| Figura 1- Ilustração do conto “Maria Firmina” ..... | 38 |
| Figura 2- Ilustração do conto “14 de março” .....   | 43 |
| Figura 3- Ilustração do conto “Conceição”.....      | 46 |
| Figura 4- Ilustração do conto “Kuxinga” .....       | 75 |
| Figura 5- Ilustração do conto “Bájá” .....          | 83 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                                                                                    | 1  |
| 1. Decolonialidade e Interseccionalidade: o caminho do meio .....                                                  | 10 |
| 2. A literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres negras.....                                          | 19 |
| 2.1. A cena literária mato-grossense e a contribuição da Entrelinhas Editora na Obra de Paty Wolff.....            | 37 |
| 2.2. Gênero: Sobre a Autoficção e “escrevivência” o conto e microconto .....                                       | 42 |
| 3. Decolonialidade e Interseccionalidade em <i>Como pássaros no céu de Aruanda</i> (2021).....                     | 48 |
| 3. 1. A perda da inocência em “Cítrica mexerica”, “Manga verde com sal” e “Melado com farinha”, de Paty Wolff..... | 51 |
| 3.2. A divisão do trabalho e a Interseccionalidade em “Kuxinga” .....                                              | 62 |
| 3.3. Resistência e Colonialidade: diálogos entre “Mwangaza” e “Bájá” de Paty Wolff .....                           | 71 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                                                         | 81 |
| REFERÊNCIAS.....                                                                                                   | 83 |
| APÊNDICE A .....                                                                                                   | 87 |
| APÊNDICE B .....                                                                                                   | 91 |
| APÊNDICE C.....                                                                                                    | 94 |

## INTRODUÇÃO

Minha trajetória de vida me conduziu até ao momento em que escrevo esse trabalho de mestrado, uma vez que, a reflexão sobre o percurso acadêmico não pode ser dissociada das minhas experiências vividas enquanto mulher. Nascida e criada em bairros subalternizados da capital mato-grossense, imagens de violência e injustiça à minha volta sempre foram comuns. No entanto, apesar da aparente normalização dessa realidade social, nunca me acostumei às violações que ocorriam ao meu redor. Esses contextos sociais e culturais eram marcados por desigualdades e exclusão fazendo com que essas experiências gerassem interrogações na mente de uma criança que começava a conhecer os seus arredores e a construir sua visão de mundo, apesar da normalização diante dessa realidade social. O incômodo e os questionamentos diante das problemáticas que eu testemunhava, na maioria das vezes me acompanhavam por meio de perguntas que nunca eram respondidas, mas que sempre estiveram comigo, como por exemplo: por que as pessoas são racistas e o que explica o racismo, como e quando ele apareceu? Por que existe tanta desigualdade social no mundo?

Apesar de nesses questionamentos haver a presença da inocência e da ingenuidade infantil, que ocorre quando as crianças vão percebendo o mundo e reagindo a ele, tratava-se de perguntas que não deixavam de ser interessantes, pois buscavam respostas complexas a problemas que são muito acentuados na sociedade brasileira contemporânea. Hoje, busco responder a esses questionamentos por meio deste estudo empreendido a respeito dos contos da escritora mato-grossense Paty Wolff.

Há cerca de 11 anos, perto da minha casa, em um bairro de Cuiabá, no início da noite de um sábado, mataram a tiros um homem que voltava do serviço empurrando uma bicicleta. Diante da cena do homem no chão, caído, que ainda tentava respirar, as pessoas formavam um círculo em volta dele, enquanto comentavam sobre o ocorrido. Como nos contos de Conceição Evaristo nos quais, diante das situações de violência, os personagens se chocam apenas brevemente, ou simplesmente não estranham a cena e agem como estranhos. Facilmente consigo

evocar a minha memória voluntária, segundo Marcel Proust (2006), e rever a imagem do homem anônimo, sem vida, com o seu corpo estirado ao chão durante horas, aguardando a chegada do Instituto Médico Legal (IML). Apesar da tragédia violenta que tinha ocorrido, não havia muita comoção, era como se fosse mais uma noite comum.

Devido às condições financeiras da minha família, os meus pais nunca puderam alocar grandes recursos para a educação dos seus filhos, como pagar escolas particulares; no entanto, nunca deixaram de estimular o nosso pensamento crítico, incentivando a leitura, e sempre reforçando a educação como oportunidade e como mundo de possibilidades, e que, através dela, nós poderíamos “ser alguém”. Durante os anos de ensino médio, estudando em um Instituto Federal (IFMT), a partir de uma perspectiva educacional mais crítica, oportunidades de ascensão social foram apresentadas a mim por meio dela. Já na graduação em Letras – Português e Inglês, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), diversas possibilidades sobre formas de ensinar, aprender e investigar, iam surgindo ao longo do meu percurso como estudante.

Foi na vivência como graduanda, junto com uma amiga querida e minha dupla de estudos, Carla Renck, fomos apresentadas a obras do tempo em que as mulheres não podiam ser escritoras, e em teorias que se voltavam para o estudo dessas autoras, que são mulheres invisibilizadas. Principalmente nas disciplinas de Literatura, descobrimos ser possível estudar sobre grupos sociais marginalizados.

Também durante o curso de Letras (UFMT), concluído em 2021, tive contato com a obra da escritora Conceição Evaristo, nascida em Belo Horizonte, MG. Fui profundamente tocada pelo conto “Olhos d’água” que tem o mesmo nome da obra, a coletânea de contos *Olhos d’água* (2016).- Já no ano de 2022, o período em que eu cursava a especialização em Estudos e Práticas de Cultura, no Instituto Federal de Mato Grosso-Campus Bela Vista (IFMT), em uma das conversas de orientação com o professor Dr. Marcelo Velasco, eu me encontrava pensando no que eu poderia, e

gostaria de fato, de pesquisar no mestrado. Então, ele me apresentou à escritora e artista Paty Wolff e me aconselhou a leitura de sua obra.

Ao mesmo tempo em que eu fazia a especialização, também, lecionava como professora de língua portuguesa, para o Ensino Fundamental I, em um colégio particular. Esta fase me ofereceu diversos aprendizados, devido às interações entre professor e aluno, e com a coordenação pedagógica. Além dos desafios, a vivência em sala de aula mais uma vez confirmou a minha vocação para ser professora. Também, conheci alunos incríveis pelos quais tenho muito carinho e fiz laços de amizades que mantenho até hoje.

Em uma das tardes em que eu estava no colégio trabalhando, finalmente chegou o tão esperado livro de Paty Wolff, *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021). Era a oportunidade de, enfim, conhecer o seu trabalho. Ao começar a leitura, fui imersa em narrativas que ecoam um passado colonial, ainda presente na contemporaneidade, e que perpetuam a subalternização da população negra no Brasil. As ilustrações, com um estilo vibrante, pintadas em traços robustos, retratavam os personagens dos respectivos contos em diferentes contextos e tonalidades de pele negra. Tais elementos não apenas encantaram os meus olhos, mas mais tarde, também foram o motivo do despertar de profundas reflexões sobre a construção visual de identidades a partir do objeto de estudo. Sob a luz da perspectiva crítica decolonial, as imagens da obra de Paty Wolff ressignificam a perspectiva tradicional ao representar mulheres negras de modo que suas experiências e subjetividades sejam valorizadas. Essas ilustrações desafiam os olhares colonialistas e propõem novas maneiras de ver e interpretar o mundo e as imagens. Essas imagens reconfiguram o nosso olhar colonizado sobre representações históricas da população negra no Brasil e propõe novas maneiras de ver e sentir o mundo.

As narrativas escritas de Paty Wolff assumem características semelhantes às do conto contemporâneo, uma vez que, a linguagem adotada é mais concisa, as orações são curtas e diretas, e as narrativas compactas. Wolff faz um jogo com o tempo nas suas narrativas, em que a partir do presente, é lançado um olhar para o

passado, refletindo e resgatando a memória da época de escravização. De mesmo modo, os seus contos retratam no presente as relações de poder que foram impostas, sobretudo no período colonial. Essas relações se mantêm funcionando como um eixo gerador das desigualdades sociais no Brasil. Portanto, “Três Contos de Paty Wolff”, publicado originalmente na revista virtual literária *Ruído Manifesto* (2020), meio dedicado à publicação de textos literários de autores e gêneros diversos e a obra já mencionada, *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021), fazem parte do nosso objeto de estudo.

Em vista disso, o objetivo geral deste trabalho é investigar a interseccionalidade nos contos “Cítrica mexerica”, “Manga verde com sal” e “Melado com farinha”, de “Três Contos de Paty Wolff” (2020) e “Kuxinga”, “Mwangaza” e “Bajá”, de *Como Pássaros no céu de Aruanda* (2021), nos quais ficam evidentes relações de opressão entre raça, gênero e classe, que se entrelaçam e se manifestam na representação das protagonistas femininas negras.

Esta pesquisa tem como objetivos específicos, a partir da análise de contos supracitados, investigar a origem das relações de poder instauradas na sociedade brasileira, examinando, especificamente, o que concerne a sobreposição de opressões enfrentadas por grupos sociais de mulheres na contemporaneidade, e como a interseccionalidade determina as relações entre essas classes. Não só, mas também, buscamos contextualizar as produções da autora Paty Wolff de acordo com o cenário sociopolítico brasileiro, refletindo sobre questões como representatividade, identidade e resistência, no contexto da cena literária mato-grossense.

Além da análise dos contos, a presente dissertação também examina as imagens da obra como peças essenciais para o sentido das histórias. As ilustrações dialogam com os contos, ampliando reflexões sobre dominação, resistência e identidade. Dentro desse contexto, serão analisados elementos como a composição visual, os símbolos que aparecem nas representações das personagens e na paleta de cores utilizada, à luz da colonialidade do ver, conforme proposto por Joaquín Barriandos (2019). O objetivo é investigar de que maneira as representações visuais

de Paty Wolff questionam as relações de poder retratadas nos contos, refletindo sobre a função das ilustrações na obra e sua contribuição para a representação da mulher negra na literatura de Mato Grosso. Essa perspectiva crítica nos impede de interpretar as imagens apenas como complementos da análise interseccional e decolonial apresentada nesta dissertação. Por fim, é crucial buscarmos colaborar com o debate acadêmico sobre a literatura escrita por mulheres negras no Brasil, sobretudo em Mato Grosso, destacando a necessidade de uma abordagem interseccional e decolonial ao estudar essas obras.

Para fins de pesquisa, foi realizado o levantamento da fortuna crítica da obra da autora Paty Wolff. No entanto, notou-se uma escassez de estudos, principalmente em relação a suas obras publicadas como escritora. Paty Wolff faz parte da antologia *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras* (2021), com a capa ilustrada pela multiartista. Por outro lado, existem publicações sobre o seu trabalho como artista visual, como a dissertação “Paty Wolff- Contribuição para educação das relações étnico-raciais de estudantes da educação básica” (2024), da autora Juliana Ferreira de Almeida Arruda. Foi encontrado também o texto “Negras Vozes de mulheres: resenha do livro *Carolinas* (2021)”, de Ayana Moreira Dias. A pouca quantidade de estudos acadêmicos que incluem escritoras fora do cânone literário brasileiro, sobretudo, as regiões do país que estão fora do eixo-central, é uma questão importante que será discutida mais adiante neste trabalho.

Sobre a fundamentação teórica, a fim de se compreender as relações de interseccionalidade presentes nas narrativas de Paty Wolff, é necessário refletir sobre o embate colonial, que se deu a partir da invasão da América pelos europeus, e as suas consequências. Dessa maneira, o poder colonial passou a ser estruturado por meio de relações de dominação, exploração e conflito.

O teórico e sociólogo Aníbal Quijano (2005) versa sobre a decolonialidade de forma precisa, em seu trabalho *Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina* (2005), e explica a complexa globalização que a sociedade vive na contemporaneidade, como o auge de um processo que se iniciou com a formação da

América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado. A perspectiva de Quijano permite uma investigação detalhada da origem das relações sociais na formação da sociedade brasileira, entendida como uma região colonizada. A exploração colonial no Brasil teve o seu marco inicial com a chegada do navegador e explorador português Pedro Álvares Cabral, em 1500. A invasão do território brasileiro pelos portugueses deu início ao período histórico moderno e, sobretudo, ao longo do processo de colonização que se estendeu dos séculos XVI ao XIX. O teórico Ramón Grosfoguel (2016) analisa o conceito de hierarquias globais múltiplas dentro do contexto da colonialidade, evidenciando formas de opressão que coexistem e se apoiam mutuamente. Essas hierarquias estão interconectadas e trabalham para um sistema global de opressão. Nesse sentido, o sistema que o autor descreve, não é exclusivamente hierárquico, mas heterárquico, isto é, um sistema em que diferentes formas de poder (como raça, gênero, classe, sexualidade, religião, entre outras) estão interligadas e constituem parte da matriz de poder colonial. Para Grosfoguel, essas hierarquias atuam simultaneamente e não podem ser estudadas isoladamente, pois estão “historicamente entrelaçadas”, e juntas, constituem o sistema-mundo moderno/colonial.

Dessa forma, a análise das obras de Paty, especialmente suas narrativas e ilustrações, fundamenta-se na crítica à colonialidade apresentada por Quijano (2005) e Grosfoguel (2016). No entanto, o trabalho de Wolff não apenas denuncia essas relações de dominação, mas também propõe uma ressignificação, principalmente no que tange às mulheres negras e sua posição social na sociedade brasileira contemporânea. Tais perspectivas teóricas são fundamentais para compreender as interseccionalidades presentes em suas narrativas, pois investiga as múltiplas camadas de opressão e resistência que permeiam sua obra.

A perspectiva teórica do pesquisador e historiador da arte Joaquín Barriendos (2019), que introduz o conceito de colonialidade do ver, é essencial para pensarmos como as representações contemporâneas carregam marcas de um olhar colonizado que traduzem e reforçam relações de poder heterárquicas. No entanto, ao refletir sobre as ilustrações de Paty Wolff sob essa perspectiva observa-se como a artista subverte

a lógica colonialista, desafiando a visão eurocentrada sobre essas identidades e corpos. Nota-se que suas pinturas reconfiguram as representações visuais de mulheres negras na sociedade brasileira.

O capítulo teórico propõe apresentar as ideias que vão embasar a investigação das sobreposições das opressões de raça, gênero e classe nos contos. Além da perspectiva decolonial, este trabalho é fundamentado no conceito de interseccionalidade, conceituado por Kimbérle Crenshaw (2002). Ademais, os estudos da cientista política francesa Françoise Vergès (2020) acrescentam à pesquisa a importância de se descolonizar a ideia do feminismo branco e burguês. Igualmente, para delimitarmos as análises ao contexto social brasileiro, utilizamos a pesquisa desenvolvida pela antropóloga brasileira Lélia Gonzalez (2020), na qual ela traça um cenário das relações de dominação exercidas sobre a população negra, principalmente em relação à condição das mulheres negras que se encontram em situações de desigualdade em vários âmbitos sociais no Brasil.

Nesse sentido, a contribuição de Carla Akotirene (2019) é essencial para esta pesquisa, pois sua reflexão sobre o conceito de interseccionalidade, ampliada pela análise da matriz colonial moderna, oferece ferramentas para compreender as dinâmicas de opressão representadas nos contos e em suas ilustrações. Akotirene destaca que essa matriz combina racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, culminando em um sistema de opressão global que molda as relações sociais e culturais de forma interseccional. Essa perspectiva é enriquecida pelo conceito de colonialidade do ver, proposto por Joaquín Barriandos (2019), que aborda como as representações visuais operam enquanto ferramentas de perpetuação ou contestação das posições coloniais.

Este trabalho se justifica pela importância de se evidenciar, a partir da literatura, a realidade social da mulher que é triplamente oprimida, devido a sua cor, ao seu gênero e ao baixo status social ao qual pertence. Além disso, o trabalho destaca a importância de se promover a literatura brasileira e mato-grossense escrita por mulheres negras a partir de suas próprias vivências, abordada como objeto de pesquisa acadêmica.

Dessa forma, evidencia-se uma escrita que busca retratar a condição feminina na sociedade. Nesse contexto, ao serem realizados levantamentos da fortuna crítica deste tema, conforme descrito acima, não foi encontrado nenhum trabalho sobre esta temática que relacione a obra literária da escritora Paty Wolff, evidenciando a necessidade de preencher essa lacuna na pesquisa acadêmica, de destacar a sua contribuição para a literatura mato-grossense e de se discutir as vivências das mulheres negras na sociedade brasileira contemporânea.

Como possível conclusão, esta dissertação pretende trazer para a academia escritoras negras no âmbito das manifestações artísticas, promovendo uma representação mais equitativa e inclusiva. Pesquisas que valorizam escritoras que narram histórias a partir do seu lugar de origem ou de identidades, como Paty Wolff escrevendo sobre Mato Grosso, são essenciais para o reconhecimento da pluralidade na produção literária brasileira. Assim, inserir escritoras negras em espaços de prestígio social contribui para romper com os ciclos históricos de servidão e divisão do trabalho perpetuados desde o período colonial.

Quanto à estrutura, este trabalho é composto por três capítulos principais. O primeiro, intitulado “Decolonialidade e Interseccionalidade: o caminho do meio”, corresponde ao arcabouço teórico e desenvolve as perspectivas decoloniais e interseccionais que fundamentam esta pesquisa.

O segundo capítulo, “A literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres negras”, traça um breve panorama da história da literatura brasileira escrita por mulheres até a contemporaneidade e como a escritora e multiartista Paty Wolff se insere nesse contexto. No subcapítulo 2.1, discute-se a contribuição da Entrelinhas Editora tanto na criação da obra de Paty Wolff quanto na crescente produção literária do estado de Mato Grosso. Já no subcapítulo 2.2, a análise se volta para a discussão sobre o gênero literário das obras, o conto e o microconto, explorando desde a autoficção até a “escrevivência”, termo cunhado por Conceição Evaristo.

O terceiro capítulo, “Decolonialidade e Interseccionalidade em *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021)”, dividido em quatro partes, busca evidenciar as dimensões

decoloniais e interseccionais presentes nas narrativas escritas e ilustradas por Paty Wolff, a partir da análise dos contos e ilustrações que compõem o corpus desta pesquisa. O subcapítulo 3.1 explora a perda da inocência das protagonistas de “Três contos”: “Cítrica mexerica”, “Manga verde com sal” e “Melado com farinha”. No subcapítulo 3.2 o foco recai sobre o conto da obra *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021) e reflete a divisão racial do trabalho representado no conto “Kuxinga” e em sua ilustração. Em seguida, o subcapítulo 3.3 analisa a sistematização de opressões vividas pelas mulheres negras escravizadas durante a colonização do Brasil – período marcado pelo sequestro violento da população negra e seu tráfico em navios negreiros. Esta análise é conduzida por um diálogo entre os contos “Mwangaza” e “Bájá” que retratam relações de exploração e submissão. Nessas narrativas, Paty Wolff enriquece as suas histórias ao incorporar, por meio das artes visuais, referências e protagonistas que reagem às forças opressoras, oferecendo resistência diante da privação de liberdade e das diversas formas de exploração. Por fim, as ilustrações que complementam os contos serão analisadas à luz do conceito de colonialidade do ver, fundamentado nos estudos de Joaquín Barriendos (2019), com ênfase nas imagens dos contos “Kuxinga” e “Bájá”. Além disso, este trabalho conta com uma entrevista exclusiva com a escritora e multiartista Paty Wolff, utilizada como fonte primária da pesquisa e disponível no Apêndice A.

## 1. Decolonialidade e Interseccionalidade: O Caminho do Meio

Com o advento da modernidade, a América constituiu-se a partir de dois processos históricos importantes que convergiram e se estabeleceram como eixos essenciais do novo padrão de poder imposto. Quijano (2005) destaca que o primeiro eixo organizacional assumido pelo novo modelo de dominação colonial foi a distinção entre conquistadores e conquistados a partir da ideia de raça. Como explica o autor, isso foi feito a fim de se justificar a posição de superioridade dos colonizadores por meio de uma estrutura biológica na qual os povos colonizados foram relegados a posições de inferioridade e rebaixamento devido ao sistema de raças que o próprio sistema colonial criou na América e que depois se expandiu para o resto do mundo.

Segundo Quijano (2005), a América foi o primeiro continente a produzir identidades sociais historicamente novas, isto é, anteriormente à colonização não existia a divisão racial entre índios, negros e mestiços. Dessa forma, os termos como espanhol, português e europeu se tratavam-se apenas de denominações geográficas, ou de países de origem. Com efeito, as novas identidades sociais passaram a ter conotação racial e a estar intrinsecamente relacionadas a hierarquias. Conseqüentemente, o padrão de dominação determinava os lugares e os papéis sociais. Ou seja, raça e identidade racial eram usados como uma régua de classificação social básica da população. De acordo com Quijano: “Em consequência, os dominantes chamaram a si mesmos de brancos” (Quijano, 2005, p. 118). Essa classificação racial foi uma forma de legitimar as relações de poder impostas pelo poder colonial.

Já o segundo eixo que estruturou a dominação foi a junção de todas as formas históricas possíveis de controle do trabalho, ou seja, a exploração da força de trabalho dos povos colonizados, também, o roubo e o aproveitamento dos recursos e produtos que geraram grandiosos lucros em torno do capital e do mercado mundial. Além disso, o domínio que os colonizadores passaram a exercer sobre o trabalho no período colonial foi crucial para o estabelecimento da dominação europeia e para exploração dos povos colonizados. Os colonizadores estabeleceram esquemas de trabalho

forçado, para extrair recursos e gerar riquezas que impulsionariam a economia mundial, sendo a escravidão o alicerce do novo sistema econômico. Dessa maneira, a colonização da América definiu um padrão global de controle do trabalho por meio da exploração e escravização dos colonizados.

A organização social de controle do trabalho imposta pelos europeus resultou no capitalismo mundial como uma nova estrutura de relações de produção na história do mundo. Com a validação da dominação colonial a partir das novas identidades raciais criadas e o novo método de controle do trabalho, esses eixos estruturais foram relacionados diretamente à classificação dos papéis e lugares na nova ordem universal do controle de colonização. Por isso, esses eixos foram fundamentais nesse processo, como confirma Quijano: “raça e divisão do trabalho, foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente, apesar de que, nenhum dos dois era necessariamente dependente do outro, para existir ou para transformar-se”, (Quijano, 2005, p. 118). Desse modo, cada forma de controle do trabalho foi associada a uma raça específica, articulando-se de modo que transparecesse natural e permeando a mesma lógica colonialista na contemporaneidade como colonialidade.

No Brasil, as relações de poder e dominação estabelecidas pela exploração colonial continuaram estruturando a sociedade mesmo após o fim do colonialismo, com a Proclamação da Independência em 1822. Desse modo, a colonização se esvai, mas a colonialidade se mantém como uma estrutura que determina as relações humanas e sociais. Partindo das reflexões de Aníbal Quijano, o teórico argentino Walter Mignolo (2017) propôs considerações relevantes, como o fato de a colonialidade estar intrinsecamente ligada à modernidade, pois, para o autor, a colonialidade ultrapassa a era histórica colonial e permanece regulando as relações sociais, políticas e econômicas contemporâneas. Mignolo define o princípio de colonialidade como sendo equivalente a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, ou seja, funciona com um complexo de relações que vive às sombras da modernidade, e é sustentada como sinônimo de progresso e felicidade como justificativas das violações geradas pela colonialidade.

O padrão de poder colonial, que continua estruturando as relações sociais contemporâneas, opera de forma complexa e interconectada. Ramón Grosfoguel (2016) argumenta que as heterarquias – estruturas de poder como raça, gênero, classe, sexualidade e epistemologia – compõem a matriz de poder colonial, funcionando de maneira conjunta, mas sem uma relação linear ou fixa. Essa abordagem teórica complementa as ideias de Quijano (2005) sobre como a raça e o trabalho foram eixos centrais da colonização, expandindo o debate para demonstrar que essas dimensões coexistem e se reforçam com outras formas de dominação. No Brasil, essa estrutura continua moldando relações desiguais específicas, principalmente no caso das mulheres negras, cujas experiências são retratadas nos contos de Paty Wolff. Além disso, Barriendos (2019) destaca que a colonialidade também se manifesta no campo visual e imagético, o que nos permite pensar nas ilustrações que acompanham os contos como uma extensão dessas narrativas. Como explica Barriendos (2019), “a colonialidade do ver deve ser entendida como uma maquinaria heterárquica do poder que se expressa ao longo de todo o capitalismo” (Barriendos, 2019, p. 47).

Essas imagens, ao dialogarem com os textos escritos, questionam a lógica colonial do ver, criando narrativas que resistem às hierarquias visuais e simbólicas ainda presentes na sociedade.

Com isso, a pesquisa busca integrar os conceitos de interseccionalidade e decolonialidade para explorar como essas opressões são representadas na literatura mato-grossense contemporânea através das narrativas escritas e ilustradas nos objetos de estudos que compõem esta pesquisa. Portanto, para analisar os contos e as ilustrações de Paty Wolff, a fundamentação teórica deste trabalho está organizada em teorias decoloniais e interseccionais.

Nesse sentido, para aproximar as teorias que fundamentam a pesquisa e para contextualizar os objetos, a teoria interseccional servirá como um conceito central neste estudo, uma vez que o conceito aborda as sobreposições e articulações múltiplas de opressões estruturais, principalmente da raça, gênero, classe e outros

marcadores sociais. Kimberlé Crenshaw (2002), pioneira na definição do termo, destaca que a interseccionalidade permite entender como diferentes formas de desigualdade atuam juntas e submetem as mulheres negras a experiências únicas de violação. Segundo Crenshaw (2002), as mulheres negras estão em uma posição particularmente vulnerável porque enfrentam, simultaneamente, as opressões de raça, gênero e classe e por isso as suas experiências não devem ser analisadas de maneira isolada. Como a autora observa: “Muitas das questões não incluídas na agenda das feministas afetam especificamente mulheres negras. As análises nem sempre consideram como raça ou a classe social contribuem para gerar desigualdades” (Crenshaw, 2002, p. 14).

Patricia Hill Collins (2020) complementa as bases conceituais de Kimberlé Crenshaw, ao abordar a interseccionalidade como uma ferramenta analítica, segundo a autora: “pessoas comuns fazem uso da interseccionalidade como ferramenta analítica quando percebem que precisam de estruturas melhores para lidar com os problemas sociais” (Collins, 2020, p. 18). Esse uso prático do conceito é especialmente visível nas lutas das mulheres negras, cujas experiências conectam opressões de raça, gênero e classe, muitas vezes negligenciadas pelos movimentos sociais tradicionais. Assim, a interseccionalidade é um desafio que consiste em lidar com diferenças dentro da diferença, segundo Kimberlé Crenshaw (2002).

Esse conceito é ampliado pela autora Françoise Vergès (2020), onde propõe uma abordagem interseccional articulada à crítica ao capitalismo global. Vergès explica que o feminismo decolonial deve combater as opressões de gênero e as hierarquias impostas pelo colonialismo e pelo imperialismo, que mantêm a exploração das mulheres negras ao redor do mundo. Vergès destaca que as estruturas capitalistas dependem da exploração do trabalho de mulheres racializadas, cujo papel é central para a manutenção dessas desigualdades.

Dessa forma, Collins (2020) afirma que a natureza das estruturas de poder é multifacetada, por isso “o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica significa que ela pode atender a uma gama de problemas sociais” (Collins, 2020, p.

19). Portanto, a interseccionalidade é particularmente pertinente para o contexto brasileiro, onde as mulheres negras são vítimas do racismo, sexismo e pobreza no exemplo da França, Vergés explica que o termo racializadas “refere-se a todas as mulheres que a colonialidade fabrica como ‘outras’, para discriminar, excluir, explorar e desprezar” (Vergès, 2020, p. 18). Essa definição evidencia como a colonialidade continua a moldar as relações de poder, reforçando desigualdades estruturais que marginalizam mulheres negras e outras mulheres racializadas. Por isso, a abordagem interseccional oferece ferramentas para compreender desigualdades específicas que se sobrepõem nesses contextos específicos.

No contexto brasileiro, Lélia Gonzalez (2020) acrescenta uma perspectiva afro-latino-americana que utiliza a interseccionalidade como ferramenta fundamental para entender as experiências das mulheres negras. Em sua obra *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020), Gonzalez sugere que essas experiências sejam analisadas considerando as dinâmicas de opressão racial e de gênero que estruturam a sociedade brasileira. A autora enfatiza a importância da cultura como elemento de resistência, enfatizando que as vivências das mulheres negras precisam ser analisadas a partir de uma perspectiva que integre as dimensões históricas e culturais das comunidades afrodescendentes na América Latina, rompendo com as estruturas coloniais de dominação.

Na contemporaneidade, essa articulação é aprofundada por Carla Akotirene (2018), que utiliza o conceito de interseccionalidade para explorar as complexidades das opressões enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil. A autora não apenas reforça a centralidade da interseccionalidade como ferramenta analítica, mas também a adapta às realidades brasileiras, destacando como a história de violência e exploração colonial impacta diretamente as experiências contemporâneas de mulheres negras. Akotirene (2019) traz à tona a necessidade de um olhar mais atento às intersecções entre racismo, sexismo e outras formas de dominação estrutural, destacando que “as opressões não se somam; elas se multiplicam em contextos específicos” (Akotirene, ano, 2019 p. 14). Collins (2020) também enfatiza como as relações interseccionais de poder estruturam sistemas de dominação ao longo do

tempo. A autora destaca que “as respostas interseccionais às injustiças sociais potencializam o ativismo”, ao passo que oferecem ferramentas para analisar a organização do poder institucional e suas dinâmicas globais (Collins, 2020, p. 20).

Ao articular as contribuições dessas autoras, é possível observar que a interseccionalidade oferece uma lente poderosa para compreender as estruturas de dominação que operam de forma interconectada, mas não linear. Enquanto Crenshaw fornece as bases conceituais do termo, Vergès (2020) o insere em um debate global contra o capitalismo, Gonzalez (2020) o localiza no contexto afro-latino-americano e Akotirene (2019) o adapta às especificidades brasileiras. Essa triangulação teórica enriquece a análise ao evidenciar como as diferentes formas de opressão são construídas e perpetuadas, mas também podem ser contestadas através da resistência e da agência das mulheres negras e racializadas.

A discussão sobre a colonialidade do ver, proposta por Joaquín Barriendos (2019), fornece um aporte relevante à compreensão das relações entre visualidade e dominação colonial. O autor destaca que “a colonialidade do ver deve ser entendida como uma maquinaria heterárquica do poder que se expressa ao longo do capitalismo” (Barriendos, 2019, p. 47). Essa visão permite analisar como as representações visuais foram historicamente utilizadas para inferiorizar e racializar corpos, criando hierarquias simbólicas que ainda permeiam as relações contemporâneas.

As ilustrações que acompanham os contos de Paty Wolff desafiam esses regimes visuais ao ressignificar a presença de mulheres negras em espaços simbólicos e imaginários. Em contraste com a objetificação promovida pela lógica colonial, as imagens de Wolff reposicionam as mulheres negras como protagonistas de suas próprias narrativas, promovendo uma subversão das lógicas visuais que historicamente as marginalizaram.

Essa reação à colonialidade do ver se manifesta nas escolhas estilísticas e narrativas das ilustrações de Wolff, que dialogam diretamente com os textos escritos para reconfigurar o olhar do espectador. Por meio dessas imagens, a autora não

apenas questiona as hierarquias visuais impostas, mas também propõe novas possibilidades de representação, nas quais as mulheres negras ocupam espaços centrais e multifacetados. Essa abordagem converge com o que Barriendos define como a necessidade de um "diálogo visual interepistêmico", em que diferentes epistemologias visuais podem coexistir e desafiar a hegemonia do olhar colonial.

Ao integrar as ilustrações como parte essencial da narrativa, Wolff contribui para a descolonização das representações visuais, evidenciando como a arte pode ser um campo de ressignificação. Suas obras ilustram a possibilidade de romper com as estruturas coloniais e criar espaços visuais de agência para sujeitos historicamente subalternizados.

Em sua obra *Um feminismo decolonial* (2020), Françoise Vergès enfatiza a necessidade de uma visão do feminismo que esteja ligada à luta contra o colonialismo, o imperialismo e outras formas de dominação capitalista, reconhecendo a correlação entre gênero, raça, classe e colonialidade, ou seja, um feminismo decolonial. A autora explica que o feminismo decolonial é um dos marcos do início deste século XXI, a corrente desenvolveu uma pluralidade de práticas, experiências e teorias entre movimentos “que abordam as problemáticas de modo transversal e interseccional” (Vergès, 2020, p. 35).

Uma vez que o feminismo liberal ocidentalizado desconsidera as clivagens e as disparidades entre as mulheres, para a autora Françoise Vergès o feminismo decolonial visa estabelecer uma descolonização das narrativas do feminismo branco burguês e evidenciar a luta das mulheres que exercem o trabalho doméstico remunerado e garantem a engrenagem diária do capitalismo.

Carla Akotirene (2019) demonstra como o padrão colonial moderno é central na promoção de racismos e sexismos institucionais que impactam diretamente as mulheres negras. Segundo a autora, as condições estruturais permitem a sobreposição de racismo, sexismo e violências, resultando em barreiras significativas que dificultam a ascensão social e o acesso a direitos fundamentais. Essas dificuldades são particularmente evidentes no contexto brasileiro, onde mulheres

negras enfrentam desigualdades históricas em relação às mulheres brancas, desde o acesso limitado à educação na infância até os obstáculos para ocupar cargos de prestígio na vida adulta, reflexo de um sistema que perpetua desigualdades raciais e de gênero.

Para analisar o contexto geográfico e social em que as protagonistas das obras de Paty Wolff estão inseridas, utilizamos como fundamentação teórica os estudos de Lélia Gonzalez (2020), que refletem sobre as condições das mulheres negras na sociedade brasileira. Gonzalez oferece uma perspectiva afro-latino-americana essencial, abordando as relações entre racismo, gênero e classe.

No âmbito das discussões afro-latino-americanas, a interseccionalidade emerge como uma abordagem crucial para entender as sobreposições de opressões que estruturam as relações sociais contemporâneas. Carla Akotirene (2019) examina o conceito de interseccionalidade, ressaltando a função teórico-metodológica na articulação entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. Ela retoma a analogia de Kimberlé Crenshaw, ao comparar esses sistemas de dominação a “avenidas identitárias” pelas quais as mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (Akotirene, 2019, p. 14).

À medida que Akotirene (2019) aborda a interseccionalidade como ferramenta metodológica para desenvolver a articulação entre sistemas opressivos, Lélia Gonzalez (2020) examina como essas estruturas se manifestam na vida cotidiana das mulheres negras brasileiras. A autora observa que, historicamente, “a mulher negra arca com a posição de viga mestra de sua comunidade”, dividindo-se entre “o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares” (Gonzalez, 2020, p 16). No caso das jovens negras, Gonzalez aponta que, diante das poucas alternativas, muitas enxergam a prostituição como “uma saída promissora do estado de pobreza em que se encontram. [...] Mas a maioria acaba por se entregar à prostituição aberta, à bebida e outras drogas e termina como “estrela” dos “inferninhos” que pululam nas grandes cidades” (Gonzalez, 2020, p.143).

Diante disso, Gonzalez (2020) denuncia o imaginário social que se reforça em torno do termo “mulata”, o qual perpetua estereótipos raciais e de gênero, condicionando as vivências das mulheres negras a papéis subalternos e/ou hipersexualizados. Esse imaginário não apenas reafirma estruturas de dominação, mas também limita as possibilidades de ascensão social.

Diante desse cenário, Carla Akotirene (2019) reafirma que tais opressões não devem ser analisadas de forma isolada, mas como parte de um sistema interseccional de discriminação que atravessa diferentes esferas, incluindo os sistemas jurídicos contemporâneos. Para a autora, essas estruturas contribuem para a violação sistemática da dignidade humana e o desrespeito às leis antidiscriminação, comprometendo a possibilidade de um futuro mais equitativo para as mulheres negras.

Como a autora ressalta, essas trajetórias estão intrinsecamente ligadas à manutenção de estruturas coloniais e capitalistas que relegam as mulheres negras a posições subalternas.

Além da decolonialidade e da interseccionalidade, este trabalho aborda reflexões sobre o processo de formação da literatura na sociedade brasileira, baseadas nos estudos de Antonio Candido (2006). Dito isso, a fim de compreender a importância de pesquisar a obra de Paty Wolff, discutimos como a mulher negra está inserida no cenário da literatura brasileira e mato-grossense. A discussão teórica apresentada neste capítulo serve como base para as análises posteriores, oferecendo ferramentas analíticas para compreender as estruturas de opressão representadas nas obras literárias e visuais da autora. Retomaremos essas questões ao longo do trabalho, aprofundando o diálogo entre teoria e prática artística.

## **2. A literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres negras**

Ao lançarmos um olhar investigativo e reflexivo sobre a literatura nacional, é fundamental considerarmos a sua ligação intrínseca e singular com as relações de poder que regem a sociedade brasileira, refletindo e interpretando a realidade social de cada época, desde a formação do país. Assim como as outras artes, ela incorpora manifestações criativas de emoções, ideias, experiências e reflexões por meio da linguagem. Nesse sentido, para Antonio Candido (2006) a literatura é profundamente influenciada pelo contexto social em que é produzida. Para o autor: “Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais” (Candido, 2006, p. 20). Diante disso, consideramos que a literatura é como um reflexo das mudanças sociais, a partir do qual os escritores por sua vez, assimilam as experiências humanas e as convertem em narrativas sobre a vida social, política e cultural em diferentes épocas.

Para Regina Dalcastagnè (2008), a literatura contemporânea, reflete a falta, talvez mais do que realmente expressa, de problemáticas centrais da sociedade brasileira. A autora exemplifica uma dessas ausências, como o caso da população negra, que séculos de racismo estrutural afastou dos locais de prestígio, poder e produção de discursos. Desse modo, compreendemos que na literatura não é diferente. Em seu artigo “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea”, Dalcastagnè (2008) publica os resultados de uma pesquisa abrangente, na qual ela relaciona os romances publicados pelas maiores editoras do país, no período de 15 anos. Assim ela constatou uma ausência relevante quando se trata de personagens negros(as), identificando que quase 80% de personagens são brancos(as) em relação aos personagens negros(as). A discrepância se acentua mais ainda quando se trata de narradores e protagonistas. Para a autora esses dados manifestam outra ausência em nossa literatura. A temática do racismo.

A fim de compreendermos as questões que limitam a presença de personagens negros(as) na cena literária, seja como narradores, protagonistas e sobretudo, como

escritores, é importante retornarmos à história do Brasil e analisar as implicações que impedem a população negra de ascender socialmente, dentro e fora da literatura. Isso ocorre principalmente com o grupo social representado por mulheres negras, que será aprofundado ao longo deste trabalho. Para isso, buscamos na história da literatura, mulheres escritoras negras que revolucionaram a escrita, em uma época em que lidavam com o legado recente da escravidão. Para tal finalidade, retornamos há cerca de 200 anos na história brasileira, ao período imperial, a fim de nos familiarizarmos com o contexto histórico, social e cultural do país, no século XIX, para compreendermos o desenvolvimento da literatura escrita por mulheres negras no Brasil.

Antônio Candido (2006), ao contextualizar a literatura no tempo em que o Brasil ainda era uma colônia portuguesa, explica que os autores que escreviam eram homens “ou formados em Portugal, ou formados à portuguesa” (Candido, 2006, p.99). A segunda opção abrange os escritores que, mesmo nascidos e formados no Brasil, seguiam os padrões estilísticos e temáticos da literatura portuguesa. Ou seja, reproduziam, aqui no Brasil, temas e formas de expressão que se formaram e posteriormente predominaram em Portugal. O autor, também, demarca que o público para o qual se destinava a atividade intelectual produzida pelos estudiosos daquele período, era português, que também servia para atender as questões administrativas e religiosas. Por fim, ele explica que apenas no século XIX começam a surgir “os primeiros escritores formados aqui e destinando a sua obra ao magro público local” (Candido, 2006, p. 99).

O período pós-colonial é caracterizado pela independência do Brasil de Portugal, declarada no dia 7 de setembro de 1822, por Dom Pedro I, e estendendo-se até 1889. Para a sociedade brasileira, foi uma época de modificações e consolidação nacional, caracterizada pela expansão territorial, urbanização crescente e pelo crescimento econômico, principalmente na produção de café.

Segundo Lélia Gonzalez (2020), a cultura cafeeira desenvolveu o processo de acumulação primitiva necessária à estruturação do capitalismo. Nesse ínterim, o

racismo e a discriminação racial permaneceram na sociedade, e a população negra enfrentava o racismo em diversos contextos sociais, principalmente por causa da exploração econômica, como resultado do trabalho escravo em plantações, nos engenhos e na casa grande.

Ao mesmo tempo, o Romantismo era o movimento cultural e literário predominante no Brasil do século XIX, que buscava afirmar a identidade cultural brasileira e exercia sua influência na música, na pintura e na literatura. Foi a partir da literatura que se destacaram grandes escritores como Gonçalves Dias (1823-1864) e José de Alencar (1829-1877). Isso ocorreu principalmente, após a independência do Brasil em 1822, pois o país se encontrava em um contexto de transformações políticas e sociais.

Por volta do ano 1850 a economia brasileira era qualificada, majoritariamente, pelo domínio da agricultura de exportação de produtos como: café, açúcar, algodão e cacau. Sobretudo, pelo sistema de plantation, que consistia na exploração em massa da mão de obra de escravizados nas plantações agrícolas. Neste período a escravidão ainda era assegurada por lei e socialmente aceita, pois sustentava a economia do país. Dessa forma, a cultura ao mesmo tempo, refletia os costumes socialmente impostos e passava por transformações significativas por meio das manifestações artísticas, intelectuais e literárias.

O crítico literário Antônio Candido, em sua obra *Literatura e Sociedade* (2006) explica que devido ao papel desempenhado pelos escritores no processo da Independência do Brasil, no ano 1822, houve uma tomada de consciência e conseqüentemente, a literatura passou a ser mais “ajustada às aspirações da jovem pátria” (Candido, 2006, p. 89). Assim, auxiliou o crescimento de manifestações literárias que refletissem e fortalecessem a identidade nacional, mais adequada à nova fase que o Brasil vivia.

Para Candido (2006), a produção literária no Brasil, apelidada como “literatura oitocentista”, assumiu um “certo conformismo” tanto na sua forma, quanto no seu conteúdo, mesmo com as exceções que existiam” (Candido, 2006, p. 93). Nessa

época, a literatura seguia padrões estabelecidos pelas tradições literárias europeias. Candido elucida que os escritores do período eram majoritariamente homens adaptados à superestrutura administrativa como, por exemplo, Gonçalves Dias (1823) e Machado de Assis (1839) que durante as suas carreiras tiveram ocupações relacionadas ao trabalho em setores públicos. A condição de escritor permitia que se beneficiassem da ocupação administrativa a fim de garantir empregos remunerados. Portanto, ele sugere que o Brasil daquele período vivia em uma relação de patrimonialismo entre os escritores e o Estado.

Candido (2006) também versa sobre a relação entre público e autor, e explica que por causa do desenvolvimento social que ocorreu durante o Segundo Reinado, no Brasil, as revistas e jornais familiares da época desenvolveram um papel importante, pois os escritores habituaram-se a escrever para um público feminino, que por sua vez, passou acompanhar os textos que eram veiculados por meios de comunicação. Esses textos publicados também transitavam em encontros chamados de serões, onde as pessoas se reuniam, geralmente em ambientes domésticos, para conversar, ler, ou praticar atividades de lazer. Diante desses novos hábitos sociais, surgia um novo estilo literário:

Daí um amaneiramento bastante acentuado que pegou em muito estilo; um tom de crônica, de fácil humorismo, de pieguice, que está em Macedo, Alencar e até Machado de Assis. Poucas literaturas terão sofrido, tanto quanto a nossa, em seus melhores níveis, esta influência caseira e dengosa, que leva o escritor a prefigurar um público feminino e a ele se ajustar. (Candido, 2006, p. 94).

Para compreender como autoras negras contemporâneas têm desafiado os estereótipos construídos na história da literatura brasileira, é necessário refletir sobre os fundamentos dessas representações negativas. Conforme mencionado anteriormente, o Romantismo — período em que o Brasil buscava consolidar sua identidade nacional após a independência — utilizou a literatura como instrumento central na construção simbólica do país. Nesse contexto, a figura do indígena foi idealizada como representante dessa nova identidade nacional. Por outro lado, a população negra, ainda submetida à escravidão, era sistematicamente invisibilizada ou retratada por meio de estereótipos negativos, devido à sua associação direta com o sistema escravocrata. Esse movimento revela uma escolha deliberada das elites intelectuais da época em destacar uma imagem nacional que excluía os negros de qualquer protagonismo cultural ou social.

Quanto aos motivos da preferência pela figura dos povos indígenas e não dos

povos africanos, nas representações literárias românticas, o pesquisador Robson Moreira Nogueira (2021) explica que pela perspectiva das elites que detinham poder político, econômico e cultural na sociedade colonial, não seria bem vista a representação, pois revelaria uma identidade nacional incoerente, visto que a economia do país, e a sociedade como um todo ainda era sustentada pelo sistema de trabalho escravo da população negra.

Em suma, a história da literatura brasileira é repleta de exemplos de representações negativas em torno da mulher negra. Esses padrões foram repassados ao longo dos anos, de acordo com os contextos sociais de cada época: desde Gregório de Matos (1636-1696), ao escrever sobre a aparência da mulata, bela, “apesar de sua cor”, como também Aluísio de Azevedo (1857-1913), em seu clássico romance *O Cortiço* (1890), ao animalizar Bertoleza, uma mulher negra, tratada como escrava por um homem branco e português, quando estava morrendo: “[...] rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue” (Azevedo, 2005, p. 210). Há também a hipersexualização de Rita Baiana, mulata, solteira e sensual: “[...] e ela, apesar de volúvel como toda mestiça” (Azevedo, 2005, p. 42). Essas personagens são caracterizadas desta maneira, devido aos costumes da sociedade colonial.

Em contrapartida, autoras negras começaram a desconstruir estereótipos a partir de suas obras, como Maria Firmina dos Reis, no ano 1859, ao apresentar em *Úrsula* (1859) personagens negros em um aspecto positivo, como pessoas não inferiorizadas ou desumanas. Maria Firmina dos Reis, foi a primeira mulher negra a publicar uma obra no Brasil. Ela nasceu em São Luís do Maranhão, no dia 11 de março de 1822, foi filha de uma ex-escravizada (alforriada), Leonor Felippa dos Reis, e neta de Engrácia Romana da Paixão, também alforriada. O romance *Úrsula* (1859) foi publicado em uma época em que a sociedade ainda reproduzia os ideais escravocratas e se mantinha tendo a escravidão como base que sustentava, principalmente, a economia e a cultura. *Úrsula* (1859) é considerada uma obra precursora do abolicionismo na literatura brasileira, pois décadas antes da abolição ocorrida tardiamente em 1888, Maria Firmina dos Reis já debatia as injustiças da escravidão, devolvia a humanidade dos escravizados, e também representava a luta pela libertação. De acordo com o pesquisador Danglei de Castro Pereira (2018), a autora ocupa lugar na literatura entre as primeiras vozes femininas a erguer discurso em defesa do feminino.

Levando em consideração o contexto social de escravidão, a população negra no Brasil não era considerada cidadã, tampouco, tinha direitos e acesso à educação formal, principalmente as mulheres negras. Para Thomas Bonnici (2012), nas

sociedades pós-coloniais, a mulher negra foi duplamente colonizada, devido às relações de raça e gênero definidas pela exploração colonial, segundo as quais, as mulheres estavam sempre relegadas aos serviços dos homens. Portanto, para uma mulher negra, filha de ex-escravizados, escrever, enquanto profissão de escritor, cabia apenas aos homens letrados, predominantemente brancos e apoiados pelo estado. Por isso, era necessário desafiar as normas sociais de raça e gênero em uma sociedade racista. Paty Wolff, através das suas obras escritas e ilustradas, subverte a lógica colonial de inferiorização do outro.

Maria Firmina é homenageada por Paty Wolff na sua obra *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021), no microconto de número treze da coletânea, e leva o seu nome, “Maria Firmina”: “Acendeu o pito, sentou-se na escrivaninha, tirou dos pés a chinela e molhando a pena no tinteiro escreveu mais algumas linhas.” (Wolff, 2021, p. 35). É importante ressaltar que o microconto é seguido de uma ilustração, da própria autora, que é analisada junto com o texto.

Como se pode notar, a ilustração de Maria Firmina dos Reis, criada por Paty Wolff com a técnica de tinta acrílica sobre papel, vai além do que a representação de uma figura histórica.



**Figura 1- Ilustração do conto "Maria Firmina"**

Maria Firmina é retratada com uma expressão serena e determinada, reforçando a complexidade e a singularidade de sua figura. O seu cabelo preto e preso com pequenas mechas onduladas grisalhas, reflete não apenas maturidade, mas também a força acumulada de uma vida dedicada à escrita e à luta por visibilidade e

contrasta com a gola branca detalhada, que remete a uma renda, e com a roupa rosa estampada com formas geométricas brancas e laranjas.

A paleta de cores empregadas por Wolff inclui diversas nuances de marrom para retratar a pele negra, trazendo profundidade e textura. As sombras ressaltam detalhes do rosto, com tons mais claros nas áreas de incidência de luz, como a testa e as maçãs do rosto, e tons mais escuros em áreas como o pescoço. Esse cuidado técnico demonstra um compromisso em desconstruir representações estereotipadas frequentemente perpetuadas pelo olhar colonial.

Embora a imagem seja cortada na altura do pescoço devido ao formato da página — um aspecto editorial —, ela mantém uma riqueza de detalhes que reforçam a centralidade de Maria Firmina como figura histórica e símbolo de resistência. Essa construção visual não é neutra nem feita ao acaso; pelo contrário, é uma escolha deliberada que aponta para a urgência de subverter o que Joaquín Barriendos (2019) denomina “colonialidade do ver”. Segundo o autor, “a colonialidade do ver implica um regime epistêmico e visual que hierarquiza corpos, territórios e saberes, consolidando desigualdades estruturais por meio de imagens e representações” (Barriendos, 2019, p. 45).

A colonialidade do ver compreende como o olhar ocidental, especialmente durante e após a colonização, formou a percepção de culturas não europeias. Esse olhar implementou representações e sentidos que hierarquizam as culturas colonizadas, reforçando a supremacia do colonizador. Tais representações baseiam-se em estereótipos visuais racializados, como a figura do ‘selvagem canibal’, amplamente divulgados no Ocidente por meio de narrativas de cronistas europeus. Nesse sentido, ‘todo o passado mitológico sobre o selvagem e a tradição retórica medievalista sobre o canibal foram reutilizados na construção do “bom” e do “mau” selvagem americanos’ (Barriendos, 2019, p. 47), consolidando uma estrutura visual que sustenta hierarquias raciais e culturais.

A obra de Paty Wolff desafia esse olhar colonial ao colocar Maria Firmina dos Reis como centro de atenção e valorização. O fundo preto pode ser lido como uma metáfora visual que denuncia o apagamento histórico da escritora e evidencia a luta para reposicionar mulheres negras como protagonistas tanto da história quanto da memória cultural, da qual foram sistematicamente excluídas. O contraste entre o fundo escuro e os detalhes vibrantes da roupa e da pele torna-se um gesto político, sugerindo que, mesmo diante das estruturas de silenciamento impostas pela colonialidade, há uma centralidade que resiste e insiste em permanecer visível.

A escolha de Paty Wolff ao retratar Maria Firmina dos Reis com detalhes que evocam sua singularidade reflete uma tentativa de descolonizar o olhar. Para Barriendos, a colonialidade do ver continua operando ao invisibilizar ou subordinar representações que não se alinham à lógica universalizante da modernidade/colonialidade. Nesse sentido, a construção visual — o fundo preto, os contrastes de luz e sombra na pele, e a vivacidade dos tons da roupa — desafia diretamente os regimes visuais modernos, reposicionando Maria Firmina como figura central de luta e memória.

Assim, a ilustração não apenas celebra a escritora Maria Firmina dos Reis, mas também questiona os regimes de visualidade que sustentam o esquecimento e a marginalização de figuras históricas como ela. O gesto de Paty Wolff é, portanto, uma homenagem e um ato de oposição ao olhar colonial que ainda permeia a percepção do mundo contemporâneo. É interessante notar que a imagem não ilustra o que está sendo descrito no microconto “Maria Firmina”, em que ela acende o pito, calça a chinela e escreve mais algumas linhas. Aqui, temos a intersecção entre ela ser uma escritora que pertence não apenas a uma classe, mas a uma tradição. Ela ascende o pito, que é um cachimbo ou cigarro de palha, o que indica também uma fluidez de gênero, pois fumar também é uma ação que pode ser performada pelo gênero masculino, assim como o ato de escrever. Também há no texto uma nota de rodapé que explica a origem de o título ser uma homenagem à primeira autora negra a escrever sobre escravidão no Brasil.

Ao continuarmos nossa busca pelas escritoras negras na história da literatura brasileira, em um contexto social de pós-abolição da escravidão no Brasil, temos Carolina Maria de Jesus (1914-1977), nascida aos 14 de março, no ano 1914, em Sacramento, Minas Gerais, ocasião em que pode cursar dois anos do Ensino Fundamental. A escritora migrou para São Paulo em busca de condições de vida melhores e chegou a morar na primeira favela do Canindé, na cidade de São Paulo. Carolina trabalhou como empregada doméstica e mais tarde passou a catar papel e outros materiais reaproveitáveis que pudessem ser vendidos. Era por meio desses poucos recursos que a escritora tentava sobreviver e sustentar sozinha os seus três filhos. Entretanto, o sonho de Carolina era ser escritora, por isso dedicava horas do seu tempo escrevendo os seus pensamentos diante das condições de vulnerabilidade social que vivia, principalmente a fome.

Os textos de Carolina Maria de Jesus retratam a triste realidade das pessoas que moravam na favela do Canindé, na década de 1950. Contada a partir da perspectiva de uma mulher, mãe solteira e catadora de lixo, que vive na favela, a obra *Quarto de Despejo* (1958) é uma edição dos diários escritos pela autora.

Foi um período em que o Brasil passava por grandes transformações políticas, econômicas e sociais. A capital de São Paulo vivia um considerável desenvolvimento devido à industrialização e urbanização, que levou a cidade a ser considerada o maior centro industrial do país. O desenvolvimento econômico ocasionou um êxodo rural, o qual resultou na expansão de novos bairros e avenidas na tentativa de suportar a demanda populacional crescente da época. Os movimentos políticos e sociais também estavam em efervescência durante a década de 1950. O decênio iniciou com o segundo mandato do presidente Getúlio Vargas, e no ano 1955, Juscelino Kubitschek foi eleito presidente da república. Na época a favela era considerada o quarto de despejo da cidade.

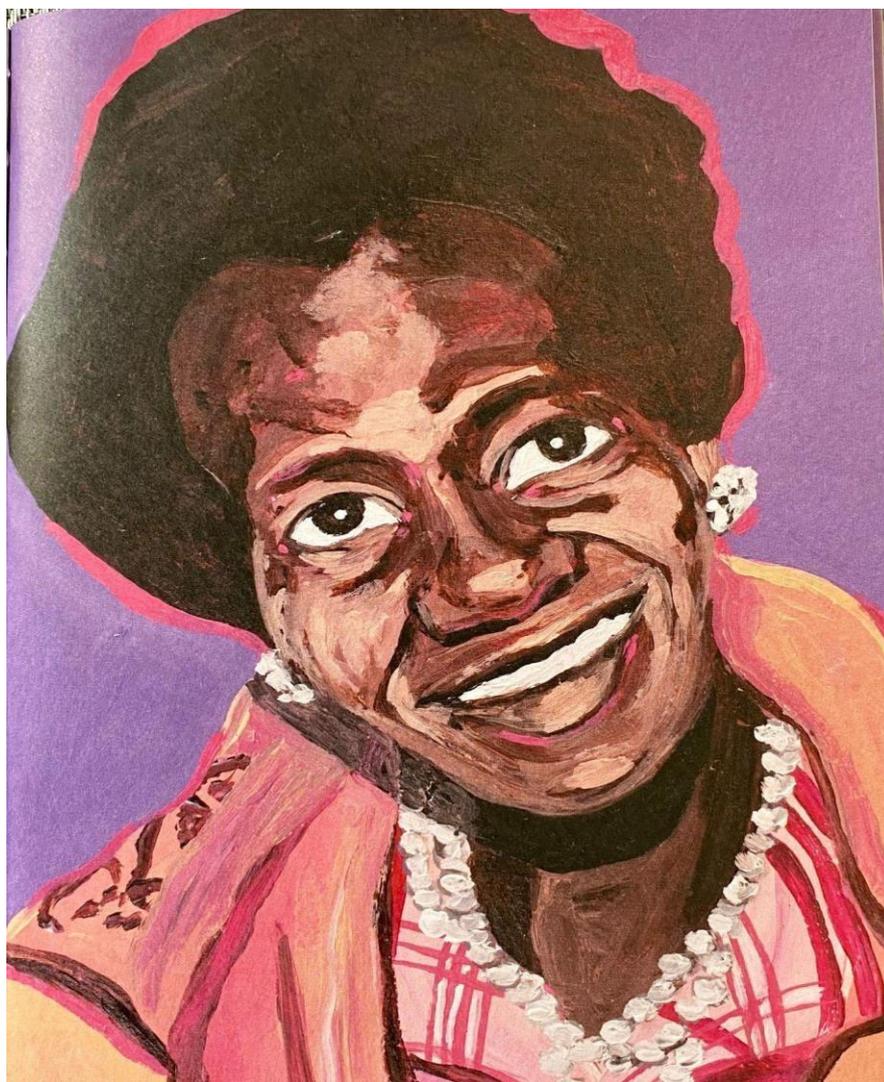
A primeira publicação de Carolina Maria de Jesus foi resultado de uma “descoberta” do jornalista Audálio Dantas enquanto visitava a favela do Canindé, em busca de informações para escrever uma reportagem sobre a comunidade que se

estendia à margem do rio Tietê. Como o jornalista escreveu: “Lá, no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem.” (Dantas, 2016, p. 8) A partir do momento em que Audálio Dantas teve contato com os diários escritos por Carolina, os “cadernos encardidos”, como o jornalista os denominou, ele conheceu uma história sobre o cotidiano da favela, pela perspectiva íntima de alguém que vivia nas favelas brasileiras, na década de 1950.

Os meios de comunicação, como o rádio, jornais e televisão da época, contribuíram para o sucesso de *Quarto de despejo*, publicado no ano de 1960. A obra foi traduzida para 13 idiomas, seus exemplares foram vendidos em mais de 50 países. As narrativas diárias de Carolina descrevem as suas dificuldades e sua falta de conformismo ao lidar com as injustiças sociais que ela e seus vizinhos enfrentavam, de forma honesta e enfocando o contraste entre as classes sociais. Por conseguinte, o destaque a nível internacional da obra de Carolina Maria de Jesus, ocasionou visibilidade para a realidade das favelas no Brasil, também, evidenciando as problemáticas raciais. Dessa maneira, é comprovado que intersecção das desigualdades de raça e classe, presentes nas narrativas literárias, que serão aprofundadas neste trabalho, demonstram ser reflexo da realidade e da época.

As obras de Carolina Maria de Jesus possuem grande relevância para a literatura brasileira, pois ampliam a discussão sobre gênero e exclusão social. A escritora, também é homenageada em *Como pássaros no céu de Aruanda*, de Paty Wolff, em dois microcontos: um que recebe o título de “14 de março”, fazendo referência a sua data de nascimento, e o outro, “Morro do Canindé”, que descreve o final do expediente de uma mulher que, aos 59 anos, precisa subir uma escadaria após um dia inteiro trabalhando fazendo faxina.

Na ilustração do microconto “14 de março”, Carolina é representada sorridente, vestida com roupas bonitas e delicadas, de diferentes tons de rosa, usando brincos e colares, com o semblante feliz, a ilustração transcende uma narrativa de sofrimento na qual a autora esteve associada.



*Ilustração do conto "14 de março"*

Essa representação carrega simbolismos que merecem ser destacados como a expressão facial e o sorriso de Carolina Maria de Jesus refletem seu estado de felicidade, proporcionando esperança e orgulho, apesar das adversidades enfrentadas. O fundo lilás emoldura a cena, reforça essas sensações, evocando espiritualidade e delicadeza. Essa escolha estética suaviza a dureza da narrativa de

luta que permeia sua trajetória, oferecendo uma visão mais afetiva e esperançosa de sua figura.

No microconto "*14 de março*", a história resgata a forma visceral da escrita de Carolina Maria de Jesus, onde a tinta manchada e as lágrimas persistentes se tornam metáforas da profundidade emocional presente em seus textos. É interessante notar que o gesto de Carolina ao correr para buscar folhas de pão e continuar com a escrita ultrapassa as limitações de recursos, enfatizando a escrita como um ato de sobrevivência. A referência à xícara com a asa quebrada ressoa o simbolismo da precariedade e da resiliência, elementos intimamente relacionados à sua vida e à sua produção artística.

A nota de rodapé explica a homenagem, apontando Carolina como uma figura fundamental na história da literatura brasileira, pois foi pioneira ao dar voz à vivência das pessoas que vivem nas favelas e ao denunciar a exclusão social em sua escrita. Essa base enriquece a leitura do conto, conectando a figura de Carolina à força histórica e literária que ultrapassa o cotidiano descrito.

Assim como no exemplo de Maria Firmina dos Reis, o microconto permite leituras que entrelaçam simbolismos sociais e de gênero. A cena descrita no conto não apenas retrata Carolina como uma escritora de impacto, mas também a humaniza, mostrando sua luta diária enquanto reafirma o seu papel em uma tradição literária que sustenta estruturas de poder. A tinta borrada e o papel de pão são ferramentas de criação para Carolina Maria de Jesus.

Igualmente, Paty Wolff, homenageia a escritora contemporânea Maria Conceição Evaristo de Brito no conto "Conceição", que compõe o grupo de autoras negras da literatura brasileira, homenageadas na obra *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021). Atualmente considerada um marco para a literatura brasileira contemporânea, Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1946 e migrou para o Rio de Janeiro em 1970, quando tinha 25 anos, em busca de melhores condições de vida. Para Evaristo, a nova vida representava novas perspectivas, como poder estudar e mais oportunidades de emprego. A fim de se compreender as

condições sociais, políticas e culturais da época em que a autora tentava se estabelecer, refletimos sobre alguns fatores importantes na história do país que talvez tenham influenciado sua vida e obra.

Durante a década de 1970, o Rio de Janeiro passava por grandes mudanças urbanas e sociais, devido à modernização e ao desenvolvimento urbano. Nesse período, o Brasil estava sob o comando da ditadura militar desde o ano de 1964. O regime militar ocasionou uma sequência de políticas de modernização e desenvolvimento urbano. Os projetos de modernização resultaram em ondas migratórias de pessoas de outros estados do país e das áreas rurais para o grande centro urbano que se tornava o Rio de Janeiro. No entanto, a modernização desse período acarretou problemas sociais graves como a violência urbana, a segregação espacial, a intensificação das desigualdades e a repressão política. Foi durante esse grande crescimento populacional da cidade que ocorreu entre as décadas de 60 e 70, marcada por contrastes sociais que Conceição Evaristo se mudou para o Rio de Janeiro.

Apesar de a mudança para outro estado representar melhores condições de vida para a autora, por ser uma mulher negra, nascida em uma favela em Belo Horizonte, Evaristo ainda vivenciou diversas consequências do racismo estrutural e das desigualdades sociais que se intensificaram nesse período histórico. Em 1971, a autora se formou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), quando começou a se aprofundar nos estudos relacionados à discriminação racial, questões de gênero, e sobretudo, à experiência negra no Brasil. Além disso, Evaristo participou de movimentos sociais e grupos de estudos que discutiam essas temáticas. Com isso, essa vivência acadêmica e política, foi substancial para a sua construção como escritora e intelectual comprometida com questões antirracistas e feministas. Mais tarde, no ano de 1996, conquistou o título de Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e posteriormente, em 2011, o título de Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

O microconto “*Conceição*” presta homenagem à escritora contemporânea Conceição Evaristo, destacando sua intensa relação com a escrita como expressão de criação. A narrativa descreve a escritora tomada por ideias que “borbulhavam”, culminando em uma explosão criativa descrita pelo ato de “conceber” palavras, algo que não podia ser contido. O uso do verbo “parir” ao final do microconto carrega um simbolismo profundo, relacionando a escrita à criação de vida, algo visceral, potente e inevitável. Essa escolha linguística alinha-se ao conceito de “escrevivência”, amplamente utilizado por Evaristo para descrever a escrita como resultado de sua vivência e resistência enquanto mulher negra.



*Ilustração do microconto “Conceição”*

A ilustração reforça uma força criativa ao retratar Conceição Evaristo em um “close”, com um olhar penetrante e reflexivo, como se convidasse o observador a refletir junto com ela. Suas roupas e adornos, de cores quentes e vibrantes, contrastam com o fundo lilás, que suaviza a composição enquanto evoca tranquilidade e sabedoria. A posição de sua mão apoiando o rosto reforça a imagem de uma intelectual em processo de criação, conectando seu semblante à sua obra.

A nota de rodapé, que explica a origem do título do microconto (“conceber, criar”), reforça o significado simbólico da narrativa. Conceição não é apenas uma

autora; ela é também uma figura que “concebe” novas perspectivas para a literatura brasileira, transformando vivências negras e femininas em palavras que atravessam gerações. Essa homenagem resgata não apenas a trajetória pessoal de Conceição Evaristo, marcada por desafios e conquistas, mas também a potência de sua escrita enquanto um meio de transformação social.

As cores vibrantes das ilustrações e a maneira "feliz" com que essas mulheres são representadas merecem destaque, especialmente pelo contraste que estabelecem com as adversidades e o sofrimento que marcaram suas trajetórias. Esse contraste não apaga as dificuldades enfrentadas, mas as ressignifica, evidenciando o poder transformador da escrita enquanto ato de memória e criação. Nas obras de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, a palavra não apenas denuncia as opressões vividas, mas também transcende os limites impostos por suas realidades, transformando-se em uma ferramenta de luta e inspiração.

Sobre a influência que essas autoras têm na vida e na obra de Paty Wolff, em entrevista, ela afirma:

Carolina foi um divisor de águas na minha vida. Descobri sua obra já adulta e, ao me aprofundar na leitura durante minha formação literária, sua escrita e sua história me inspiraram a seguir em frente como escritora. Conceição também, uma potência, que alimenta minha vontade de contar histórias, que geralmente não estão nos livros (Wolff, 2025, p. 102). Ver Apêndice A.

Essa resposta indica como essas escritoras influenciam a escrita de Wolff, como também, enriquece a construção visual de sua obra. Ao traduzir a força e a vitalidade dessas autoras para ilustrações marcadas por cores vibrantes e expressões felizes, Wolff ressignifica as adversidades e reforça o impacto transformador de suas histórias. Assim, seu trabalho celebra a contribuição dessas autoras para a literatura brasileira e valoriza suas representações por meio das artes visuais.

Evaristo (2005), enfatiza que a literatura brasileira desde a sua constituição até a contemporaneidade, é transmitida de uma maneira que insiste em declarar uma diferença negativa para a mulher negra. A autora afirma que: “A representação

literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ ou corpo-objeto de prazer do macho senhor.” (Evaristo, 2005, p. 52) Para a escritora, os estereótipos de negros/as, transmitidos nas representações literárias brasileiras são transcorridos desde a era da literatura colonial.

As representações e ressignificações realizadas por escritoras negras, desde Maria Firmina dos Reis até Conceição Evaristo, evidenciam como a literatura se torna um espaço de denúncia e reconstrução de identidades. Ao romper com os estereótipos historicamente impostos, essas autoras abriram caminho para que outras gerações desafiassem as narrativas hegemônicas, ampliando as vozes na literatura brasileira. Paty Wolff, por sua vez, não apenas se conecta a esse legado, mas também contribui para expandi-lo, utilizando a escrita e a arte visual como ferramentas para questionar paradigmas e celebrar histórias marginalizadas.

No próximo subcapítulo, voltamos nossa atenção para o cenário literário mato-grossense, no qual Paty Wolff desenvolve suas obras. Por meio da Entrelinhas Editora, exploraremos como a literatura contemporânea local tem desempenhado um papel fundamental na valorização de autores regionais e na difusão de histórias que dialogam com questões de identidade e memória, como as abordadas neste capítulo.

## 2.1 A Cena Literária Mato-Grossense e a Contribuição da Entrelinhas Editora na Obra de Paty Wolff

A literatura mato-grossense também tem se transformado em um importante meio de reconhecimento e reconstrução das identidades da população negra, especialmente das mulheres. Por meio dela, é possível resgatar memórias de grupos sociais historicamente marginalizados, ao mesmo tempo em que se promove uma reformulação do cânone literário brasileiro. Escritores e escritoras que escrevem a partir de suas próprias vivências criam narrativas que desafiam os modelos tradicionais e ressignificam as histórias antes silenciadas. Dessa forma, suas obras contribuem para a criação de um novo espaço literário que dá visibilidade a identidades negras, promovendo uma reinterpretação das narrativas historicamente marginalizadas.

De acordo com a escritora e professora Divanize Carbonieri (2024), em seu artigo “A casa do posto de Larissa Campos: Uma *road fiction* autoficcional e decolonial”, a literatura produzida no estado de Mato Grosso vive um período de efervescência devido ao surgimento de novas obras literárias. Segundo Carbonieri, essa agitação pode ser atribuída a dois fatores principais.

Primeiramente, destacam-se a atuação e as políticas editoriais e inclusivas de editoras como a Carlini & Caniato e a Entrelinhas. Essas editoras têm promovido a publicação de escritores e escritoras negras, indígenas, LGBTQIA+ e de outros grupos sociais excluídos do cânone literário. Além disso, essas editoras incentivam o desenvolvimento técnico de novos autores por meio de oficinas de escrita criativa, cursos e eventos literários. Tais iniciativas estimulam o surgimento de novos escritores e escritoras, ampliando a diversidade de vozes no cenário mato-grossense.

Em segundo lugar, há o crescente interesse de escritores e escritoras em aperfeiçoar suas técnicas e estilos por meio de programas de residência literária, capacitação e grupos de estudo oferecidos por universidades. Carbonieri (2024) também aponta o impacto positivo dos editais de fomento à literatura, publicados em âmbitos municipal e estadual nos últimos cinco anos, como elementos cruciais para

esse crescimento. Iniciativas como estas estimulam o surgimento de novos autores, e com eles novas vozes no estado mato-grossense.

É nesse contexto que a Entrelinhas Editora tem se destacado, não apenas por publicar obras de escritores e escritoras, mas também por elevar o nível técnico e artístico da literatura do estado de Mato Grosso. Com um compromisso em promover a diversidade e a inclusão, a editora tem sido responsável por dar visibilidade a novas manifestações literárias, contribuindo para a formação de uma literatura mais diversificada no estado.

Nesse cenário, destaca-se o trabalho da multiartista Paty Wolff, nascida em Cacoal, Rondônia, em 1989. Embora tenha se mudado para Cuiabá, Mato Grosso com apenas dois anos de idade, ela afirma: “Só tenho lembranças a partir dos 5 ou 6 anos.” Além de escritora, Wolff é pintora, ceramista, ilustradora e mestre em geografia. Sua produção artística é marcada por experiências pessoais, abordando questões sociais como racismo e injustiças vivenciadas em áreas periféricas de Cuiabá. O talento e a sensibilidade na sua escrita, ao representar em suas obras personagens de grupos excluídos socialmente, a fizeram ser uma escritora mato-grossense premiada. Apesar de haver um embate quanto à denominação de escritoras e escritores que produzem no estado de Mato Grosso, serem nomeados como “escritor ou escritora mato-grossense”, nesta pesquisa, consideramos Paty Wolff uma escritora mato-grossense por sua conexão com aspectos regionais do estado e pelo fato de consumir e produzir a cultura mato-grossense. Como ela mesma declara: “De Mato Grosso, em Mato Grosso, mato-grossense de coração, mas continuo rondoniense.”

A obra *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021), de Paty Wolff, exemplifica essa produção literária que desafia o olhar colonial e promove representações autênticas de grupos marginalizados. Finalista do prêmio Jabuti em 2022, a obra ganhou destaque nacional, colocando a autora e a literatura mato-grossense em evidência. Dessa forma, a indicação ao prêmio contribuiu para uma maior visibilidade dos seus trabalhos, e também, fazendo-a ocupar um lugar na literatura nacional.

Assim como na sua escrita, os seus trabalhos como artista visual tratam de questões sociais e refletem as suas experiências cotidianas.

A presença de autoras negras em locais que historicamente foram excluídos do cânone literário, que promovem o debate entre temas como a representação da mulher negra e de povos indígenas, é de extrema relevância para os estudos interseccionais e decoloniais no Brasil.

O trabalho da Entrelinhas Editora nesta obra foi fundamental para realçar as características estéticas e narrativas do livro, além de garantir uma edição que reflete a potência e o significado dos contos narrados.

Na entrevista realizada com a editora-chefe da Entrelinhas, Maria Teresa, foram revelados detalhes do processo de produção de *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021). Antes de iniciar a publicação, Maria Teresa explicou como acontece o processo de análise dos textos recebidos pela editora:

*Nós temos uma forma de trabalhar que talvez seja um pouco diferente de algumas editoras que produzem materiais sob encomenda. Nós temos uma linha editorial. Mesmo que o autor tenha vencido um edital, como foi o caso da Paty Wolff, o livro passa por um processo de avaliação para verificar se o texto está sintonizado com a nossa linha editorial. Estando alinhado, aceitamos publicar e trabalhar na obra para que ela comunique da melhor maneira os objetivos tanto do autor quanto da editora (Carracedo, 2025, p. 104). Ver Apêndice C.*

Esse alinhamento, segundo Maria Teresa, vai além de questões técnicas: “*É sobre sincronia com a temática, a qualidade do texto, a estética literária e os valores que defendemos como editora.*” (Carracedo, 2025, p. 105). Ver Apêndice C. No caso da obra de Paty Wolff, o conteúdo se mostrou não apenas compatível, mas também profundamente conectado à missão da editora, que busca promover vozes marginalizadas e fortalecer as narrativas de resistência e ancestralidade.

O trabalho desenvolvido pelo arte-finalizador e as escolhas gráficas tiveram como objetivo valorizar o caráter visual da obra, em diálogo com os microcontos escritos por Paty Wolff. Fatores como a escolha, a diagramação e o tratamento das ilustrações e a harmonia entre texto e imagem foram cuidadosamente pensados para reforçar a temática proposta pela autora.

A editora-chefe Maria Teresa também destacou que é raro encontrar um escritor que seja, ao mesmo tempo, ilustrador, e cuja produção escrita e visual estejam tão integradas à temática central da obra. Nesse sentido, Paty Wolff se destaca por desenvolver um trabalho singular, em que texto e imagem dialogam de forma harmônica para reforçar as mensagens presentes em seus microcontos.

Paty Wolff, ao ser questionada sobre a relação entre os contos e as ilustrações de sua obra, destacou que o processo de criação varia de acordo com a origem da narrativa: “Depende muito como a narrativa nasce. Se ela nasce pelas imagens ou se nasce pelas palavras” (Wolff, 2025, p. 100). Ver Apêndice A. No caso de *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021), a autora explicou que “nasceu com as palavras” e, apenas após a seleção da obra para publicação, as ilustrações foram incorporadas. Essas imagens, longe de serem meros complementos visuais, trouxeram “outras narrativas ao livro”, ampliando a experiência estética e interpretativa dos leitores.

Diante disso, são perceptíveis novas manifestações literárias de escritores e escritoras, em nosso estado, especialmente considerando autoras e autores consagrados que fazem parte da história da literatura mato-grossense, principalmente, o grupo de mulheres. Atualmente, a literatura mato-grossense tem assumido o estilo de escrita na forma do conto, em uma linguagem simples e histórias breves, carregadas de “não-ditos”. Entre elas estão a escritora Marta Cocco (1966), a escritora Luciene Carvalho (1965), primeira mulher negra no Brasil a assumir a presidência de uma Academia de Letras e Divanize Carbonieri (1972), escritora premiada, cujas obras enriquecem os estudos literários do estado.

Esse grupo de escritoras que atua em Mato Grosso cria narrativas cujos temas são voltados para identidade regional, de gênero e ancestralidade, sendo fundamentais para o enriquecimento da literatura contemporânea produzida no estado.

Além disso, cabe ressaltar, que os textos literários de escritoras e escritores contemporâneos podem ser também ferramentas de formação de crianças e adolescentes, ao ser trabalhado na comunidade escolar. Essas obras ampliam

possibilidades de potencialização do senso crítico, de identificação com a obra e, também, de incentivar a interpretação, leitura e produção de textos em gêneros diversos como contos e microcontos. Sobretudo, podem ser consideradas as próprias interpretações dos alunos como sujeitos e cidadãos em formação, que vivem e fabricam a cultura cuiabana e matogrossense nas suas relações sociais.

Como os objetos de estudo desta dissertação são contos com características autoficcionalis, a seguir, apresentamos uma discussão sobre o tema.

## 2.2 Gênero: sobre a autoficção e “escrevivência” o conto e microconto

Anna Faedrich, em sua obra *Teorias da Autoficção* (2022), explica que, no Brasil, a partir dos anos 2000, uma nova forma narrativa começou a se manifestar. O termo autoficção surgiu a fim de preencher uma lacuna referente à falta de gêneros narrativos que transitam entre as fronteiras da autobiografia e do romance. Portanto, Faedrich (2022) explica que a autoficção emergiu como uma forma que viabilizasse um diálogo entre o eu e o outro, entre o real e o fictício, permitindo que escritores e escritoras tivessem mais autonomia e liberdade para explorar temas de identidade e memória na literatura. Esse movimento torna o narrar um exercício mais complexo e pessoal. Segundo a autora, a autoficção desafia os limites entre ficção e não ficção, pois mistura elementos autobiográficos e ficcionais. Essa mescla reflete as novas possibilidades de inscrever-se na literatura por meio de narrativas mais flexíveis e criativas.

Nesse contexto, a noção de autobiografia, aprofundada por Philippe Lejeune (2008), torna-se fundamental para compreender as relações entre autor, narrador e personagem na autoficção. Segundo Lejeune (2008), o pacto autobiográfico é estabelecido quando o autor se compromete a apresentar uma narrativa que, embora formada pela memória, é assumida como verdade factual sobre sua vida. Esse pacto, no entanto, é desafiado na autoficção, onde os limites entre o eu real e o eu narrado se misturam, questionando as desvantagens da voz autoral. Assim, o pacto não desaparece, mas se transforma em um espaço de atravessamentos entre a realidade e a ficção, permitindo uma liberdade criativa que configura a escrita de si. Para Lejeune (2008), “A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística” (Lejeune, 2008, p. 104).

Essa ideia de Lejeune (2008) destaca a profundidade da autobiografia, que ao transitar entre memória e criação, concede espaço para uma multiplicidade de narrativas como a escrevivência, que também propõe uma escrita imersa nas

experiências vividas, especialmente aquelas ligadas às questões sociais, históricas e culturais que se definem como identidades marginalizadas, criando uma relação única entre o autor e o narrador.

Assim como a autoficção, a escrita de si também faz parte de um conjunto de práticas literárias que exploram o eu como objeto de escrita. Igualmente, o termo “escrevivência” foi criado pela escritora Conceição Evaristo ao propor um jogo com as palavras escrever, viver, ser e ver. Segundo as autoras Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, em seu trabalho, “*Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*” (2020), consta a explicação da escritora acerca do termo: “[...] quanto aos sentidos dados por ela ao termo reforça o fato de sua escrita poética e ficcional estar, desde sempre, envolvida com vivências e experiências do eu que se enuncia em seus poemas, ou de narradores de seus contos e romances” (Duarte; Nunes, 2020, p. 59). Portanto, devido ao crescente número de pesquisas acadêmicas em torno do termo “escrevivência” e das obras de Evaristo, ele se transformou em um conceito dos estudos literários entre os pesquisadores da literatura-afrobrasileira.

Diante disso, a “escrevivência” surge como uma reação à falta de vozes que compartilham as histórias das pessoas negras, como uma população que sofre rebaixamentos e silenciamentos sociais ao longo da história do Brasil. A própria autora Conceição Evaristo (2005) explica sobre essa nova perspectiva da literatura brasileira contemporânea:

Pode-se concluir que na escre(vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas. (Evaristo, 2005, p. 54)

Essa abordagem mistura vivências pessoais do autor e elementos ficcionais. Esse estilo também possibilita que as escritoras se apropriem das suas próprias experiências e emoções, promovendo uma representação mais verdadeira da

experiência de ser negro no Brasil. A “escrevivência” contribui para maior pluralidade e integração à literatura brasileira.

Quanto à forma, têm se notado uma preferência das autoras contemporâneas pelo conto, um gênero que, segundo Ricardo Piglia (2004), permite condensar universos narrativos e destacar momentos cruciais de maneira intensa e econômica. Piglia (2004) afirma que: “A arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1. Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário”, (Piglia, 2004, p. 90). Com uma estrutura menor e mais compacta, a partir de uma linguagem breve e orações curtas, os contos transmitem uma história completa em um espaço pequeno.

Além disso, Alfredo Bosi (2015) ressalta que o conto moderno é marcado pela “irrupção do fantástico”, ou seja, por eventos inesperados que quebram o cotidiano e revelam uma nova perspectiva, seja sobre a realidade dos personagens ou sobre as estruturas sociais nas quais estão inseridos. Ele observa que o conto é um “lugar privilegiado” para uma narrativa de situações exemplares, conectando o indivíduo ao coletivo, como se observa nas obras de Paty Wolff.

O fantástico irrompe nos contos, como um intruso no ritmo cotidiano, introduzido na narrativa como um evento novo. Que por sua vez, ao invés de soar como um imprevisto aleatório, se torna um fator surpreendente que exerce na estrutura profunda da trama, a função de revelar um processo inexorável na vida de um grupo. (Bosi, 2015, p. 14)

Em relação à invenção do conto, Bosi explica que o conto moderno conta duas histórias como se fossem únicas, (Bosi, 2015, p. 91) .

Nadia Gotlib (2004), por sua vez, ao discutir o gênero, destaca que “o conto literário contém os mesmos elementos que o conto oral e é, como este, o relato de uma história bastante interessante e suficientemente breve para que absorva toda a nossa atenção”, (Gotlib, 2004, p. 41). Essa característica de decisão e intensidade narrativa permite que o conto provoque reflexões profundas mesmo em curtas-metragens, utilizando a brevidade como uma ferramenta estética

A escritora Paty Wolff também reflete sobre a escolha do gênero conto como forma de expressão. Em uma entrevista, ao ser questionada sobre a escolha do gênero:

“A escrita do primeiro livro foi tão intuitiva, que eu nem sabia que estava escrevendo microcontos. Depois de ganhar o mundo com um livro, uma publicação, que comecei a ler mais sobre literatura, para entender o que produzia, onde quero chegar. Acredito que hoje eu tenha mais consciência do que quero escrever. Mesmo assim, deixo fluir o nascer das histórias na forma em que elas querem ganhar o mundo” (Wolff, 2024).

A autora constrói em seus contos os personagens em cenários rotineiros. A temática do conto reflete uma narrativa verossímil em relação ao cenário social do próprio leitor, que pode estranhar o que está lendo e ser surpreendido a cada oração narrada de forma direta. Para Bosi: “O narrável vai-se formando de frase, mediante a operação da escrita ficcional: é esta que sonda no universo possível, móvel e aberto da existência, aquelas situações que vão ser significadas e resolvidas em tema e em estilo” (Bosi, 2015, p. 9).

A obra que é foco desta dissertação é *Como pássaros no céu de Aruanda*, de Paty Wolff, publicada no ano de 2021, pela Entrelinhas Editora. Trata-se de uma coletânea de contos e microcontos cuja publicação foi contemplada pela lei Aldir Blanc, um projeto de leis que inclui medidas de apoio ao setor cultural, uma vez que foi uma das categorias mais afetadas pela pandemia do coronavírus, em 2020.

Paty Wolff revela em uma entrevista que concedeu ao portal *G1 Mato Grosso*, que os contos e microcontos de sua obra começaram a ganhar vida quando ela passava pela fase de pós-parto do seu filho Léo, pois se tratava de um momento em que não podia se expressar artisticamente de outras formas. Na escrita dos contos, ela encontrou um meio para manifestar suas emoções. Mais tarde, esses textos passaram a fazer parte de seu livro. A escritora e ilustradora define *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021) como “memórias de uma Luanda que ficou distante”, de

personagens que são conectados com seus ancestrais e suas raízes. Seu contexto abarca locais onde se entrecruzam opressões de raça, gênero e classe social.

Ao narrar histórias de personagens que sofreram com a exploração ainda no período da escravidão e sujeitos em suas lutas diárias, em alguns espaços de Cuiabá, Wolff expõe cicatrizes do passado que, apesar de distante, doem como feridas abertas. Para Paty Wolff, é um livro que representa em seus contos e ilustrações: “dores atravessadas por revoltas, quilombos, e pela vivência cotidiana das personagens que anseiam voarem livres como pássaros no céu de Aruanda, como escreveu o editor da matéria, Mathias (2022).

A coletânea é dividida em 23 contos e microcontos, cada um acompanha uma ilustração pintada pela escritora. Outra referência que a escritora traz em suas histórias, a fim de conectar os significados ancestrais africanos às narrativas, é associar os títulos das obras a conceitos em idiomas de origem africana: O Kimbundu, e o Iorubá. Sete títulos estão em Iorubá: “Mwangaza”, que significa “Ilumina”; “Kianga”, é “Luz do sol”; “Bájá”, é “Luta”; “Abaya”, significa Rainha mãe; “Taú”, quer dizer “Forte como um leão”; “Ayo”, é “Alegria”; “Iá iá Dácia”, significa “Cor púrpura”; O conto “Iá Zahra”, é uma junção das duas línguas, “Iá” é mãe em Iorubá, e “zahra” é floração em Kimbundu. O décimo oitavo conto da coletânea, é uma homenagem de Paty Wolff, ao trabalho da escritora Conceição Evaristo (1946), “Mesu uá Maza”, que significa “Olhos d’água”, em Kimbundu, uma referência à obra de Conceição Evaristo. Cinco títulos estão em Kimbundu, assim como o qual homenageia Conceição e são eles: “Kuxinga”, significa “Injuriar, xingar”; “Zala”, é “Fome”; e “U ufolo, tobial!”, significa “A liberdade é fogo!”.

No Brasil, o Kimbundu fez parte da história dos povos africanos trazidos pelos portugueses para serem escravizados no período da colonização. A língua, por sua vez, deu origem a palavras importantes para a identidade do país e para o repertório cultural brasileiro como: samba. Por ser uma das línguas oficiais de Angola, o idioma possui um valioso histórico cultural.

Dito isso, a seguir apresentamos análises de contos de Paty Wolff, fundamentadas em teorias decoloniais e interseccionais.

### **3. Decolonialidade e Interseccionalidade em *Como Pássaros No Céu De Aruanda* (2021)**

A realidade das classes econômicas representadas nos contos das autoras caracteriza uma divisão racial do trabalho que, por sua vez, molda a sociedade brasileira desde a era colonial. Lélia Gonzalez (2020, p. 46) explica que, entre os fatores que cooperam para a persistência das desigualdades no Brasil, o privilégio racial é um dos motivos que reforça a intersecção das opressões de raça, gênero e classe social. Por isto, um dos efeitos da interseccionalidade, é evidenciar que o grupo de pessoas brancas é o grande beneficiário da exploração da população negra. Portanto, para Gonzalez (2020) mesmo os brancos que não se beneficiam do capitalismo, ou seja, que não possuem propriedade dos meios de produção, são favorecidos pelo racismo. Além disso, o privilégio racial também se comprova em diversas esferas sociais, uma delas é no mercado de trabalho, quando as pessoas negras que se encontram em situações de competição com pessoas brancas, uma vez que, mesmo disputado em grau de igualdade, ou seja, com a mesma formação, é comum que pessoas negras saiam desfavorecidas (Gonzalez, 2020, p. 46).

Portanto, para analisar os contos da escritora contemporânea matogrossense Paty Wolff, a fundamentação teórica deste trabalho está organizada em teorias de decolonialidade e interseccionalidade, como supracitado. Posto isso, esta pesquisa se embasa no trabalho da antropóloga e ativista brasileira Lélia Gonzalez, *Por um Feminismo Afro-latino-americano* (2020), que se dedica a um estudo aprofundado sobre a realidade desfavorável que a população negra vive no Brasil, sobretudo, as mulheres negras, que são qualificadas socialmente em dois estereótipos: “empregada doméstica ou mulata” (Gonzalez, 2020, p. 44). Tendo em vista que a sociedade ainda reproduz os ideais colonialistas, principalmente, através do racismo.

Lélia Gonzalez explica que para as jovens negras é reservado o trabalho doméstico nas casas de família da classe média e da burguesia, ou então a prostituição aberta e a mais sofisticada dos dias atuais: a profissão de mulata (Gonzalez, 2020, p. 47). Essa definição não é atribuída a uma profissão formal, mas se refere a um lugar social que acompanha a figura da mulher negra, especialmente

a que tem o tom de pele mais claro. O termo mulata denota uma mulher que possui traços físicos específicos de descendente de pessoas brancas e de pessoas negras. Para Lélia Gonzalez (2020), o termo “mulata” se configura de uma maneira lapidada da ideia de os seres humanos serem considerados como objetos, ou seja, a sua reificação. Gonzalez explica que a “mulata” passa a ser um “produto de exportação”, isto é: “[...] objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais” (Gonzalez, 2020, p. 44).

Françoise Vergès, em *Um feminismo Decolonial* (2020), afirma que se, por um lado, “[...] o trabalho feminino de cuidar e limpar constitui um trabalho gratuito, por outro lado, o capitalismo produz inevitavelmente trabalhos invisíveis e vidas descartáveis.” (Vergès, 2020, p. 25). O mesmo cenário desfavorável às mulheres racializadas é mostrado nos contextos em que os personagens de Paty Wolff estão inseridos. Vergès defende uma perspectiva que vá contra as violências sofridas pelas mulheres, que muitas vezes são invisibilizadas:

É necessário denunciar a violência sistêmica contra as mulheres e os transgêneros, mas sem opor as vítimas umas as outras; é preciso analisar a produção dos corpos racializados sem esquecer a violência que tem por alvo os/as transgêneros/ as e os trabalhadores/ as do sexo; desnacionalizar e decolonizar a narrativa do feminismo branco e burguês sem ocultar as redes feministas antirracistas internacionalistas (Vergès, 2020, p. 41).

Além disso, a obra de Françoise Vergès, *Um feminismo Decolonial* (2020), contribui para a fundamentação teórica desta pesquisa. Ao defender um feminismo decolonial, cujo objetivo é pôr um fim no racismo, capitalismo e imperialismo, a obra de Vergès (2020) traça um panorama completo sobre as complexidades do feminismo branco e burguês, portanto, direciona a sua discussão às mulheres racializadas do Norte e Sul global, que possuem sua força de trabalho explorada, em serviços subqualificados e mal remunerados, como a protagonista do conto “Kuxinga”. Para a autora, a exploração deste grupo de mulheres se mantém como uma engrenagem que movimenta o capitalismo mundial:

Bilhões de mulheres se ocupam incansavelmente da tarefa de limpar o mundo. Sem o trabalho delas, milhões de empregados, de agentes do capital, do Estado, do Exército, das instituições culturais, artísticas, científicas, não poderiam ocupar os seus escritórios, comer em refeitórios, lixeiras, mesas,

[...] banheiros, restaurantes foram limpos e postos à sua disposição. (Vergès, 2020, p. 24)

Portanto, esses fatores evidenciam a necessidade de um movimento que abarque as mulheres invisibilizadas.

Diante disso, para refletirmos sobre a condição da mulher racializada no âmbito da população economicamente ativa e como se dá a sua participação no mercado de trabalho, Lélia Gonzalez (2020) explica que, assim como os trabalhadores negros (92,4%) nas *ocupações manuais*, as trabalhadoras negras abrangem 83%, ou seja: “quatro quintos da força de trabalho negra têm uma inserção ocupacional caracterizada por baixos níveis de rendimento e escolaridade.” (Gonzalez, 2020, p. 98). Dessa forma, esses dados corroboram para confirmar a divisão racial do trabalho que permeia a realidade das mulheres. Ou seja, as mulheres negras se encontram em funções de menor prestígio social.

As considerações de Françoise Vergès (2020), explicam a continuidade das relações de poder que envolvem a opressão sofrida pela população negra brasileira, na contemporaneidade. Vergès explica que: “A temporalidade escravidão/abolição coloca a escravidão colonial em um passado histórico, e assim ignora o fato de que as estratégias de racialização e sexualização continuam projetando suas sombras em nosso tempo.” (Vergès, 2020, p. 52)

Posto isto, a partir dos estudos desenvolvidos pelas autoras Françoise Vergès (2020) e Lélia Gonzalez (2020), é comprovado que as problemáticas sociais, a exploração da força de trabalho e a inferiorização recaem sobre as mulheres negras desde a colonização. Os dados comprovados refletem na literatura brasileira, especificamente, nos contos, cujas protagonistas são mulheres triplamente oprimidas. Por isso, a necessidade de uma abordagem teórica decolonial e interseccional para estudarmos as narrativas literárias de Paty Wolff (2020).

### 3. 1. A perda da inocência em “Cítrica mexerica”, “Manga verde com sal” e “Melado com farinha”, de Paty Wolff

Paty Wolff é uma multiartista que explora temáticas decoloniais nas suas narrativas escritas e ilustradas, abordando corpos pretos, povos indígenas e a diáspora africana. A perspectiva adotada pela autora reflete suas vivências pessoais e um olhar humanizado sobre experiências cotidianas. Com frequência, suas obras incorporam referências ao espaço geográfico e cultural de Mato Grosso.

“Três contos de Paty Wolff” foi publicado na revista virtual *Ruído Manifesto*, em 2020. As histórias – “Cítrica mexerica”, “Manga verde com sal” e “Melado com farinha” – apresentam-se como narrativas independentes, mas conectadas. Embora breves, com apenas três parágrafos cada, os contos retratam momentos específicos da vida das respectivas protagonistas femininas e podem ser analisados como representações de diferentes fases: infância, adolescência e juventude. A análise parte das conexões entre elementos narrativos, como os títulos, os espaços e a presença masculina.

A primeira história, “Cítrica mexerica”, narra a chegada de uma mãe e sua filha à casa da tia Fafi, em um novo lugar. A mudança é feita às pressas e são transportadas, além das trouxas de lençóis, as lembranças traumáticas, resultado das experiências violentas que podem ter motivado a fuga delas.

No segundo conto, “Manga verde com sal”, a protagonista vivencia um momento breve, mas marcante, de conexão com um jovem que está a caminho da convocação do exército. O encontro, repleto de troca de olhares, risos e um silêncio carregado de sentimentos não verbalizados, é selado pela partilha de uma manga verde oferecida pelo rapaz. A protagonista experimenta os sabores de um primeiro amor platônico e inocente e aproveita a companhia dele, sem saber que nunca mais o verá.

Já o terceiro conto, “Melado com farinha”, aborda a vivência de uma jovem em um ambiente simples, carregado de sensações táteis e gustativas. O desfecho envolve humor e surpresa, o conto explora a paixão da protagonista pelo amado, por

meio dos sabores que se misturam ao desejo que sente por ele. Experiências essas que são vividas no auge da juventude, invocando sabores adocicados que simbolizam a paixão.

Paty Wolff constrói suas histórias com uma escrita sensorial, rica em detalhes do cotidiano, que captura sabores, texturas e sensações. Os alimentos, como mexerica, manga e melado com farinha, são usados como metáforas que conectam as experiências emocionais e sensoriais das três protagonistas, convidando o leitor a descobrir os não ditos das histórias.

Após uma análise inicial, é possível identificar que, além de refletirem fases específicas na vida das protagonistas, os contos também trazem à tona questões maiores, como a perda abrupta da inocência, cultura e detalhes regionais. São sugeridas experiências de violência, afetos e paixões, enquanto os alimentos simbolizam e despertam emoções e sentimentos profundos.

Paty Wolff, cria suas narrativas ligando-as ao contexto regional de Mato Grosso ao utilizar espaços caracterizados como o quintal cuiabano, lugares históricos como a igreja matriz, o córrego da prainha e o bairro Quilombo, lugares que pertencem à Cuiabá. A autora também explora problemáticas sociais contemporâneas, como violência doméstica, violência sexual e os traumas decorrentes dessas situações. Temáticas como essas dialogam diretamente com os estudos interseccionais, que buscam compreender as complexidades das vivências das mulheres negras na sociedade brasileira, na qual as opressões estruturais de gênero, raça e classe se cruzam.

Em “Cítrica mexerica”, a perda da inocência se manifesta pela desconfiança da protagonista em relação à figura masculina. Essa desconfiança reflete os traumas vividos por ela e sua mãe, que as levaram a fugir. A narrativa apresenta a figura de um menino que, de maneira despreziosa, observa a chegada das duas enquanto descasca uma mexerica:

Em uma janela entreaberta do outro lado da rua, dois olhos me observavam descarregar nossas coisas. [...] Peguei uma trouxa de lençol e aqueles olhos encarei. Voltei para pegar as últimas coisas. Aqueles olhos tinham ganhado um corpo simpático de minha idade e marrom da minha cor. (Wolff, 2020)

A simplicidade do menino, descrito com traços simpáticos, fazendo um ato rotineiro, como descascar uma mexerica, contrasta com a percepção da protagonista, que o vê como uma potencial ameaça. Essa ameaça é simbolicamente associada às experiências de abuso reveladas ao final da história, como será apontado a seguir.

A narradora-personagem conta que a sua mãe está machucada, com o rosto ferido e se locomove com a ajuda da tia: “O lado esquerdo do rosto de mamãe ainda estava muito inchado e com um grande roxo. O olho, vermelho sangue. Arrastando uma das pernas entrou para dentro apoiada em minha tia” (Wolff, 2020); isso sugere que ela foi vítima de algum tipo de violência física. Conforme Carla Akotirene (2019) explica, a interseccionalidade permite às feministas criticidade política para compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça, e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna. Nesse sentido, entendemos que as opressões sofridas pelas mulheres negras não podem ser dissociadas das suas múltiplas dimensões de exploração e violência (Akotirene, 2019, p. 24).

Em “Manga verde com sal”, o encontro da protagonista com um jovem que irá se alistar no exército é marcado pela descontração dos primeiros desejos. O simbolismo da manga verde – azeda, mas saborosa – ecoa os sentimentos mistos da protagonista em relação ao rapaz.

Como mencionado anteriormente, a narradora conta que o rapaz levou para ela uma manga e a reação dela foi correr até a cozinha para pegar uma facinha e uma colher de sal: “Ele estendeu uma das mãos em minha direção, havia uma manga. Corri para dentro de casa. Meu coração acelerou, mas, acho que não foi pela corrida” (Wolff, 2020). Ao sentir o seu coração batendo mais rápido e explicar que não foi por ter corrido, ela sugere que o motivo foi a presença do rapaz que fez o seu coração disparar.

O fato de a narrativa ser contada em primeira pessoa, permite que quem lê a história a enxergue pela perspectiva da narradora, e dessa forma possibilita maior proximidade com o universo narrativo da protagonista. Por exemplo, a maneira como ela descreve o rapaz com admiração, permite-nos ver e entender o encantamento com que ela o vê: “Meus olhos percorreram aquele corpo esguio, de ombros largos, pele preta reluzente que destacava um sorriso branco de canto de boca, olhos preguiçosos cor de paisagem verde em movimento, pareciaaa.... Fubá! [...]” (Wolff, 2020). O rapaz é descrito como alguém que é admirado pela menina. Portanto, a narradora-personagem faz analogias poéticas para expressar como se sente em relação a ele. Não menos importante, ela faz uso de outro alimento, além da manga, para comparar com o momento. O fubá como um alimento tradicional na culinária brasileira, enriquece a narrativa, pois a comparação feita da chegada do rapaz com o fubá, pode simbolizar uma presença substancial e familiar que o personagem representa para a narradora.

Em relação à descrição feita do rapaz, supõe-se que ele tenha pelo menos 18 anos de idade, pois no Brasil, é a idade obrigatória para homens no alistamento militar. Apesar de não parecer feliz, ele é motivado pelo salário que receberia. “Com os olhos no chão [...] contou, que estava indo se apresentar na junta militar da capital. Receberia um bom salário, isso ajudaria sua família, [...] levantou a cabeça e sorriu. Sorriso que não devolvi.” (Wolff, 2020). Como o excerto revela, o alistamento pode ser uma opção de destino para os meninos negros periféricos brasileiros.

A narradora conta que quando o rapaz chega ao seu portão, ela está na varanda de chão batido, sentada de ponta cabeça, em uma namoradeira de junco, o vento quente – clima típico em Cuiabá – faz os seus compridos cachos balançarem. Então ela vê: “[...] Um coturno super lustrado, duas pernas vestidas em uma calça de camuflagem em tons de verde [...]”. Por isso, senta-se rapidamente e lembra que a sua mãe diz que ela não sabe se comportar de vestido. Esses pontos marcam resquícios de infantilidade na protagonista que ainda possui comportamentos de criança, mas se preocupa em “corrigir” quando percebe a presença do rapaz, ou seja,

ela se encontra em uma transição da fase da infância para adolescência, como se ainda estivesse em uma fase de amadurecer, deixando de ter traços infantis, combinado ao despertar de um primeiro amor. Este trecho da história também pode se conectar aos leitores, principalmente às leitoras que cresceram ouvindo conselhos, socialmente destinados a meninas, como “Senta direito!” ou “de pernas fechadas”, ou “menina tem que saber sentar!” Essas são apenas algumas entre outras regras que as meninas são acostumadas a ouvir durante infância e adolescência, porque as crianças, em especial as meninas, tendem a ser vítimas de abuso sexual e precisam aprender a se proteger desde a menor idade.

O momento de despedida que os dois tiveram reforça o sentimento de afeto entre eles, ou especialmente da menina. Ao dividirem uma manga verde com sal, eles compartilham a companhia um do outro pela última vez, sem que ela saiba: “Espremi os olhos e abri a boca com a língua para fora. Ele riu. Rimos. Aquele hálito de manga verde com sal, foi o que guardei do último dia em que o vi.” (Wolff, 2020) Esse conto representa para a protagonista uma possível iniciação a sexualidade.

É pertinente perceber as descrições dos personagens masculinos nas duas primeiras histórias, enquanto em “Cítrica mexerica” o menino veste uma camiseta surrada do Mixto Esporte Clube: “Vestia uma camiseta surrada do Mixto, encostado na porta daquela pequena casa, que quase sumia entre tantas flores e plantas”, em “Manga verde com sal” o rapaz é descrito vestindo um uniforme militar em consequência de estar partindo para o alistamento, (Wolff, 2020).

Essa referência pode não ser um elemento aleatório. O Mixto Esporte Clube, como um dos times mais tradicionais de Cuiabá, possui uma história vinculada à inclusão social e à representatividade. Fundado em 1934, o clube é conhecido por suas raízes populares e por ter uma torcida majoritariamente negra e de classe baixa. Segundo Vilma Aparecida Almeida de Pinho e José Tarcísio Grunennvaldt (2020, p. 269), na década de 1960, em seus trabalhos “Homens negros, futebol e memórias coletivas em Mato Grosso”, o time era composto por atletas negros em sua grande maioria. Essa conexão histórica reforça a identidade regional e racial presente no

conto, enquanto o uso do elemento cultural cria uma metáfora para a ancestralidade e a vivência dos personagens que também são negros.

“Melado com farinha”, a terceira e última história, que fecha os três contos de Paty Wolff, também é narrada em primeira pessoa, por uma narradora personagem, que é a protagonista da história, e igualmente às outras protagonistas, o seu nome também não é revelado. A narradora inicia descrevendo o clima quente de um sábado: “Nas primeiras horas do dia, o sol de rachar já ardia a terra branca (o brilho ardia minhas pupilas). Sábado ensolarado, um bom dia pra tostar farinha.” (Wolff, 2020), o que pode significar outra referência ao clima característico de Cuiabá. Da mesma forma, o nome do conto estabelece uma relação de hábitos alimentares e costumes populares nas comunidades cuiabanas, como tostar farinha e comer com melado.

Em seguida a narradora apresenta a personagem figura masculina do terceiro conto, de uma forma interessante e carinhosa: “Tostei rapidinho, queria trocar por melado. Melado com farinha, sobremesa favorita de Lúcio” (Wolff, 2020). Podemos então perceber que apenas o Lúcio é apresentado pelo seu nome. A terceira protagonista é representada em uma fase mais madura, se comparada às outras duas protagonistas. Aparentemente, o seu relacionamento também vive um momento mais propício para que aconteça. Por isso, na intenção de agradar o Lúcio, foi providenciar o melado para compor a sobremesa favorita dele. O excerto a seguir demonstra o alimento do conto sendo relacionado a um dos cinco sentidos humanos. Enquanto “Cítrica mexerica” se inicia a partir da visão, do contato visual com a fruta, ou seja, quando a protagonista vê o menino descascando a mexerica, em “Manga verde com sal”, o azedo da fruta é sentido através do paladar, em “Melado com farinha”, isso também ocorre pelo olfato: “Corri com um saquinho de farinha para a casa da doceira da vila. Senti o cheiro do melado de longe” (Wolff, 2020).

Ao chegar na casa da doceira atraída pelo cheiro adocicado do melado, a protagonista encontra iaiá Detinha mexendo o tacho de doce: “Com uma das mãos mexia sem parar e com a outra segurava a fina cintura e com cuidado espantava de

seu rosto alguma intrometida abelha [...]” Ela espera de longe com cuidado e ansiosamente pelo preparo do melado: “Fiquei de longe olhando, morria de medo de inchar meus olhos com alguma picada, pois a noite Lúcio vinha me ver” (Wolff, 2020). Percebe-se novamente o elemento sensorial que a escritora traz a partir do cheiro. O vapor que exala do melado provoca sensações na protagonista, assim como manga verde com sal.

No mesmo instante, o que a protagonista mais temia aconteceu. Iaiá Detinha pediu para que ela mexesse o tacho: “Envergonhei, (engoli o medo) e mexi o tacho. Me delíciei com o vapor adocicado” (Wolff, 2020). O ápice da sensorialidade na narrativa ocorre nesse momento que a moça mexe o doce se deliciando com o cheiro e ao mesmo tempo pensando em seu amado, o vapor açucarado a transporta para perto de Lúcio: “Meus lábios encostaram nos lábios de Lúcio. Senti sua respiração quente. Corei. Lúcio mordeu meu lábio” (Wolff, 2020). O vapor que exala do melado provoca sensações na protagonista, assim como manga verde com sal.

A análise dos contos “Cítrica mexerica”, “Manga verde com sal” e “Melado com farinha” apresenta, sob uma perspectiva sensorial, a complexidade das experiências das personagens. Em cada história, os alimentos funcionam como símbolos das memórias que revelam os atravessamentos entre subjetividades femininas e os contextos patriarcal e colonial. Esses contos dialogam diretamente com a reflexão interseccional sobre raça, classe e gênero.

O conto “Cítrica mexerica” explora o trauma e a tentativa de reconstrução em um espaço novo. A cena em que o garoto observa a menina ao mesmo tempo que descasca uma mexerica desperta na protagonista uma reação de autopreservação: “Olhos em mim, olhos na mexerica que ele descascava, olhos em mim, olhos na mexerica. Parecia querer fazer graça. Minha boca até sorriu. Mas, lembrei daquela mão grande, áspera, intrusa, segurando minha coxa. Fechei a cara e corri para dentro da casa de Iaiá Luzia”, (Wolff, 2020).

A memória do toque invasivo do agressor contrasta com a aparente inocência daquele momento. Destarte, Carla Akotirene (2019) destaca que as mulheres negras, ao longo da história têm articulado as dimensões de raça, classe, gênero e nação, como foi evidenciado pela lembrança de figuras como a abolicionista e ativista norte americana Harriet Tubman e movimentos como o coletivo Combahee River. Esse coletivo, fundado em 1974, foi crucial na defesa do pensamento interseccional, salientando que as opressões de raça, classe e gênero não podem ser separadas nas vidas das mulheres negras, pois são experiências simultâneas. Akotirene também ressalta que, para as mulheres negras, a política sexual sob o patriarcado é tão onipresente quanto às políticas de classe e raça, e que, em muitos casos, essas opressões se entrelaçam de tal forma que é difícil separá-las. Um exemplo claro disso é a opressão sexual-racial vivenciada por essas mulheres, como a história do estupro das mulheres negras por homens brancos, usado como uma ferramenta de repressão política.

Paty Wolff sugere que as protagonistas dos “Três Contos” são meninas negras ao caracterizar elementos que reforçam a identidade racial a partir de detalhes físicos, contextos culturais e interações sociais. Nas histórias “Cítrica mexerica”, “Manga verde com sal” e “Melado com farinha”, as narradoras-personagens têm particularidades que corroboram esse reconhecimento identitário.

Por exemplo, em “Cítrica mexerica” a narradora descreve um menino “marrom da minha cor”, apontando que ela também se identifica com uma tonalidade de pele negra. Esse detalhe transcende a narrativa e estabelece um vínculo racial entre ela e os personagens, reforçando como a identidade é construída não apenas a partir do “eu”, mas também do “outro” com quem a narradora interage.

Já em “Manga verde com sal”, a narradora apresenta um rapaz com “pele preta reluzente”, marcando a admiração que a protagonista sente em relação às características negras dele. Essa admiração é expressa tanto pela descrição física quanto pela troca de gestos sutis, como o compartilhamento de uma manga, que simboliza o início de um despertar emocional e afetivo. No entanto, o momento também é permeado pela incerteza do futuro, como se não fosse o momento ideal

para o relacionamento, ainda verde, precisando amadurecer, como a manga partilhada.

Já em “Melado com farinha” a ambientação e os elementos como a tradição de torrar farinha e a comunidade ao redor da trama reforçam uma realidade social marcada por heranças culturais afro-brasileiras. O sentimento pelo Lúcio carrega um misto de humor e desejos, evidenciando a construção de afetos em um espaço caseiro simples e cotidiano.

Ao estabelecer uma relação entre os títulos – a manga verde, uma fruta talvez menos azeda do que uma mexerica cítrica – o fato da manga não estar madura, remete à fase, “verde”, inicial, ou imatura de uma relação amorosa, aquele momento em que o sabor não está bem desenvolvido. Portanto, assim como no primeiro conto, quando o menino aparece com uma mexerica na mão, neste, a fruta também é um elemento relacionado à figura do homem.

Tanto a mexerica que o menino descascava e comia no primeiro conto, quanto o gosto azedo que os personagens da segunda história experimentam ao morder um pedaço da manga verde com sal, representam as experiências sensoriais sentidas através do paladar. Por isso, a maneira como a autora descreve as sensações são tão exatas, que o leitor consegue invocar em sua memória o gosto de comer uma mexerica azeda, ou de uma manga verde com sal. Essas referências provocam o leitor a perceber que a escritora narra vivências de protagonistas meninas negras em contextos que se alternam entre violências e afetividades, enfatizando a importância dessas histórias e experiências no universo literário.

Além disso, Paty Wolff utiliza esses momentos para representar a perda da inocência, um processo que ocorre de maneira abrupta, muitas vezes ocasionado por experiências de abusos, como no caso de “Cítrica mexerica”, ou por vivências do primeiro amor e amadurecimentos, como em “Manga verde com sal” e “Melado com farinha”. Divanize Carbonieri (2023), em sua antologia publicada em sua coluna “Palavra é lavoura”, na revista virtual *Ruído Manifesto*, indica que as situações narradas nos contos de Paty Wolff representam a experiência de primeiras sensações,

em que o ato de experimentar uma manga verde com sal, conecta-se às sensações intensas que a protagonista sente. Para Carbonieri, esse conto é uma “narrativa em que o que não é dito reverbera nas entrelinhas” (Carbonieri, 2023).

Os ciclos vivenciados pelas protagonistas estão intrinsecamente ligados a questões de amadurecimento e sexualidade. Em “Cítrica mexicana”, por exemplo, o gosto forte e azedo da fruta não é compartilhado pelos personagens, refletindo a sensação azeda de um trauma do passado e a desconfiança da protagonista em relação à figura masculina. Já em “Manga verde com sal”, o sabor ainda forte e ácido da manga verde com sal é, desta vez, partilhado entre o casal. A troca carrega um tom de inocência e imaturidade, próprio do momento de descoberta nas primeiras conexões afetivas, dos primeiros amores. Por fim, em “Melado com farinha”, a narrativa se desloca para uma fase maior de maturidade, em que a terceira protagonista experimenta o sabor adocicado e intenso de uma paixão mais desenvolvida.

Ao utilizar elementos sensoriais e culturais como metáforas — os sabores das frutas, os contextos regionais e as nuances emocionais das personagens —, Paty Wolff constrói vivências que entrelaçam questões de gênero, raça e classe, mostrando como as protagonistas negras vivenciam o amadurecimento dentro de um mundo marcado por desigualdades estruturais.

Nesse sentido, a interseccionalidade, conforme definida por Karla Akotirene, se destaca como uma ferramenta essencial para analisar essas narrativas. A autora aponta que: “O feminismo negro dialoga ao mesmo tempo entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo” (Akotirene, 2019), e neste caso, permite entender como as múltiplas opressões se entrelaçam na trajetória das personagens. Assim, Wolff não apenas narra histórias de amadurecimento, mas também convida o leitor a refletir criticamente sobre as experiências dessas mulheres negras em um contexto que questiona as heranças coloniais nos traumas em seus corpos e em seus afetos.

Por fim, a análise dos contos de Paty fundamentados pela ótica interseccional, corrobora para entendermos alguns dos motivos que impedem a ascensão social da mulher negra na sociedade brasileira. Por isso, o viés da interseccionalidade é fundamental para explicar as condições desiguais que as mulheres negras estão submetidas desde a infância e que perpetua por gerações. Igualmente, é evidenciado como as opressões de raça, gênero e classe se articulam na sociedade, e operam para manter as desigualdades no Brasil, sobretudo, no que diz à dominação e invisibilidade das mulheres negras.

### 3.2. A divisão do trabalho e a interseccionalidade em “Kuxinga”

Este capítulo analisa os efeitos da divisão racial do trabalho na vida da mulher negra, a partir do conto “Kuxinga”, de Paty Wolff, presente na obra *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021). A história expõe as experiências de opressões enfrentadas pela protagonista, uma mulher negra e invisibilizada, permitindo refletir sobre os imbricamentos entre raça, gênero e classe. Para Regina Dalcastgné (2008), a literatura brasileira historicamente silencia vozes de grupos marginalizados e as suas percepções, como acontece com a população afro-brasileira/negra. Esse silenciamento reflete e reforça as desigualdades estruturais impostas pela colonialidade. Essa temática está presente no conto “Kuxinga”, de Paty Wolff. O texto é muito compacto e está acompanhado de uma ilustração da autora. O texto literário acompanha uma nota de rodapé e apresenta o significado do título “Kuxinga”, uma palavra da língua Kimbundu, cuja tradução para o português é injuriar ou xingar.

Já Françoise Vergès (2020), propõe uma resignificação do movimento feminista, ou seja, um feminismo que centralize as experiências das mulheres racializadas que exercem trabalhos concentrados no setor de serviços pessoais. Portanto, a fim de evidenciar a realidade desse grupo de mulheres frequentemente invisibilizadas e exploradas pela sociedade patriarcal e capitalista, este capítulo do trabalho propõe uma análise do conto “Kuxinga”, de Paty Wolff, demonstrando a interseccionalidade de raça, gênero e classe presentes na narrativa da protagonista, que é uma mulher negra submetida ao rebaixamento social.

Com base nessas perspectivas, a análise de “Kuxinga” busca demonstrar como a narrativa de Paty Wolff articula a interseccionalidade Kimberlé Crenshaw (1989), e expandido por teóricas como Françoise Vergès (2020), Lélia Gonzalez (2020) e Carla Akotirene (2019), numa perspectiva afro-latino-americana, delimitando uma abordagem interseccional e contemporânea. Através do conto e da ilustração, a autora aborda a precariedade do trabalho feminino negro e as múltiplas formas de

violência que atravessa essas mulheres, comprovando como a literatura pode ser um espaço de denúncia e resistência.

No conto “Kuxinga”, a protagonista é uma mulher negra que trabalha como vendedora ambulante no centro da cidade de Cuiabá. A história é contada em primeira pessoa, permitindo que o leitor acompanhe a narrativa sob a perspectiva da protagonista. O tom subjetivo permite uma conexão com as experiências e emoções de quem está narrando. Desde o início do conto, conseguimos entender a luta física e emocional que a protagonista vive. Ela descreve com detalhes o seu esforço para empurrar o carrinho de mão carregado com as suas mercadorias: “Uma grande caixa de isopor, duas garrafas de café, uma mesinha dobrada, um guarda-sol amarelo e uma cadeira de plástico no topo da pilha, tudo amarrado por uma corda tão apertada que aos poucos no caminho se desfiava” (Wolff, 2021, p. 45). Assim como o corpo cansado por todos os dias enfrentando uma rotina extenuante.

A escolha por narrar em primeira pessoa traz um aspecto de intimidade para o texto que permite ao leitor não apenas conhecer os eventos da história, mas também vivenciar as dores da protagonista. Essa perspectiva coloca o público em contato direto com o universo emocional da personagem, quebrando o distanciamento que poderia ter em uma narrativa em terceira pessoa. A autora utiliza essa estratégia para trazer a singularidade da experiência da protagonista, ao mesmo tempo que a universaliza, ao demonstrar como tais experiências são compartilhadas por muitas mulheres negras em contextos semelhantes.

O gênero conto, em sua brevidade, é marcado por sua capacidade de condensar experiências humanas em narrativas que refletem aspectos universais e individuais da vida. Como destaca Alfredo Bosi (2015), o conto possui uma forma que, apesar de compacta, é capaz de captar com profundidade as experiências da vida humana, explorando tanto o particular quanto o universal. Essa característica o torna especialmente adequado para abordar questões identitárias e sociais, como as que estão presentes nas narrativas de Paty Wolff.

Durante o processo de criação das suas histórias, Paty Wolff (2014) revela que ficcionaliza realidades coletivas, que não viveu mas, muitos elementos que compõem a narrativa a atravessam e constituem suas raízes no âmbito individual. Assim a narrativa atinge um duplo efeito: individualiza a protagonista ao ceder-lhe voz própria e, ao mesmo tempo, reflete uma experiência coletiva, reforçando as dinâmicas de gênero, raça e classe que atravessam a vida de mulheres negras.

A autodescrição da protagonista também é carregada de significados. Ela se descreve como uma mulher de corpo grande, pele preta e veste um vestido florido. A ilustração que acompanha o conto complementa a narrativa ao retratar a mulher de costas, com o corpo curvado, exibindo um olhar triste e aflito. De acordo com Joaquín Barriandos (2019), a “colonialidade do ver” deve ser entendida como “uma maquinaria heterárquica do poder que racializa, objetifica e inferioriza a alteridade ao longo de toda a modernidade/colonialidade” (Barriandos, 2019, p. 42). Nesse sentido, a narrativa e a ilustração subvertem essa lógica ao centralizar a protagonista, conferindo-lhe humanidade e agência, enquanto questionam as estruturas de poder que sustentam representações opressivas.



**Figura 2 - Ilustração conto “Kuxinga”**

Na ilustração referente ao conto, Paty Wolff cria a representação de uma mulher, usando um vestido branco estampado de flores com pétalas amarelas e com o miolo vermelho. O vestido também possui desenhos de pequenos círculos pintados de vermelho e o interior deles de amarelo, igual as flores, mas com a sequência das cores invertidas. Não sabemos o comprimento que o vestido possui; no livro a imagem foi adaptada pelo trabalho editorial.

A protagonista é retratada de cabelos curtos, a pele escura tem tonalidades diferentes de marrom, como se os locais mais escuros estivessem sob uma sombra, o rosto com os contornos marcados pode caracterizar a incidência da luz sob o rosto dela, uma técnica muito utilizada por Paty Wolff, ao pintar peles negras em suas obras.

Sobre um fundo laranja, colorido e vibrante, as cores vermelho e amarelo reaparecem pintadas em linhas diagonais e verticais que intercalam com pequenos círculos e triângulos azuis que remetem às estampas africanas. A ausência de um nome reforça a ideia de apagamento identitário, que juntamente com outras formas de agressões se reforçam mutuamente e desumanizam a mulher, como o momento em que a protagonista sofre a violência racial e olha em volta esperando olhares que reforçasse o racismo, ou a apoiasse, mas percebeu que tudo permanecia igual, a vida seguia à sua volta, como se nada tivesse acontecido:

Procurei rapidamente, na cena em que estava, olhos zombadores ou quem sabe, que reprovasse aquela injúria [...] vi alguém arrumando uma barraca; outro assoviava enquanto varria a calçada. Poucas lojas tinham aberto suas portas. Calei na solidão da minha existência, enterrei meus olhos no carrinho de mão e segui na avenida, rumo à praça da Igreja Matriz (Wolff, 2021, p.45).

Lélia Gonzalez (2020) confirma que no Brasil existe, efetivamente, uma divisão racial do trabalho. Logo, não é por acaso que “[...] a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente: desemprego aberto, ocupações “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente, ou trabalho por temporada etc” (Gonzalez, 2020, p. 46). Essa realidade social é representada pelas protagonistas de Paty Wolff.

Alfredo Bosi (2015), defende que o conto contemporâneo é eficaz para refletir as situações mais variadas da vida real ou imaginária que adentra no espaço de uma linguagem moderna, que para ele é: “(sensível, tensa e empenhada na significação) [...]” (Bosi, 2015, p. 21) Esse estilo moderno de narrar, logo se evidencia nos contos da autora. As narrativas, por sua vez, retratam situações rotineiras diversas vividas pelo homem contemporâneo. No caso de “Kuxinga”, são situações que ocorrem no cotidiano da protagonista diretamente relacionadas à função de trabalho informal que ela exerce. Neste excerto, é possível perceber a sensação de exaustão física da

protagonista: “Arcada, eu ia conduzindo o carrinho de mão lotado no alto da avenida. Buzina um carro aqui, outro ali. Nos diversos pedaços de calçada apertada, não dava para o carrinho conduzir” (Wolff, 2021, p. 45). Françoise Vergès (2020), explica que “Sobre essas vidas precárias e extenuantes para o corpo, essas vidas postas em perigo, repousam as vidas confortáveis das classes médias e do mundo dos poderosos” (Vergès, 2020, p. 25).

Regina Dalcastagné (2008) destaca outro obstáculo enfrentado por autores e autoras negras no cenário literário brasileiro. Para a autora, dar forma e criar uma personagem é um desafio maior ainda, principalmente, quando o nosso cânone literário não disponibiliza recursos para isso, ou seja, “[...] quando nossa poesia, nossos contos e romances não trazem modelos suficientemente ricos que possam servir de inspiração.” (Dalcastagné, p. 97, 2008) Por isso, a importância de uma tradição literária diversificada como um recurso para autores e autoras negras produzirem suas obras. Por isto, a necessidade de inclusão, e sobretudo, a valorização de escritoras na cena literária brasileira.

Para Vergès (2020), esse tipo de trabalho caracterizado como informal, exercido pela protagonista do conto “kuxinga” e por mulheres ao redor do mundo, é substancial e necessário para o funcionamento do patriarcado e do capitalismo racial e neoliberal: “contudo, embora indispensável e necessário, ele deve permanecer invisível, marcado pelo gênero, racializado, mal pago e subqualificado” (Vergès, 2020, p. 17).

Retomamos aqui o pensamento da teórica Lélia Gonzalez (2020) que corrobora para entendermos sobre o processo de exclusão da população negra, devido a dois papéis sociais atribuídos às mulheres negras no Brasil: “doméstica” ou “mulatas”. Sobre o termo “mulata”, ela explica que por conta de um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra, a mulher foi reduzida a “produto de exportação”, como um “objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais” (Gonzalez, 2020, p. 44). Já a respeito do termo “doméstica”, ele compreende a uma série de funções que é demarcada para a mulher negra como o seu “lugar natural” de trabalho, entre elas estão: “empregada doméstica, merendeira

na rede escolar, serventes no supermercado, na rede hospitalar etc” (Gonzalez, 2020, p. 44). Essas informações elucidam o lugar social que a protagonista da autora Paty Wolff ocupa socialmente na narrativa.

Wolff mais uma vez, cria uma estrutura compacta e fragmentada; suas narrativas, apesar de curtas, são impactantes e contribuem para a construção do enredo. O conto é narrado na primeira pessoa do singular, ou seja, se trata de uma narradora-personagem que participa da história e também conta. O seu nome não é revelado. De todo modo, contar a história a partir da perspectiva de quem está vivendo o relato, permite uma visão pessoal e subjetiva, uma vez que ela expressa suas emoções e reações de acordo com os acontecimentos da narrativa.

A protagonista continua sua caminhada quando é surpreendida por uma voz que grita ofensas a ela: “-Sai da rua macaca de vestido!!! [...] O berro vinha de uma voz feminina em um carro branco, que em alta velocidade passou por mim cantando pneu.” (Wolff, 2021, p. 45). A autora enfatiza o contraste existente entre as duas personagens na cena. Enquanto a protagonista do conto é uma mulher negra, e empurra um carrinho de mão, a personagem secundária, dona da voz que gritou, provavelmente, é uma mulher branca que dirige um carro também branco. Dessa maneira, ficam refletidas e evidenciadas no conto as realidades desiguais que as mulheres negras e brancas vivem, na sociedade brasileira. Diante a violência racial, já no final da história, a narradora expressa os seus sentimentos profundos revelando suas dores e o seu desalento diante a sua realidade: “Calei na solidão de minha existência. Enterrei meus olhos no carrinho de mão e segui na avenida, rumo à praça da Igreja Matriz” (Wolff, 2021, p. 45). Para Lélia Gonzalez (2020):

Na medida em que o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído, é tratado como objeto e não como sujeito. Consequentemente, é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele. E ele diz o que quer, caracteriza o excluído de acordo com seus interesses e valores (Gonzalez, 2020, p. 44).

No conto, é evidente a relação que o trabalho desempenha na vida da protagonista. Deste modo, ele retrata o cenário em que as mulheres negras estão

inseridas na sociedade brasileira. Após um estudo comparativo dos principais setores da economia do país, Lélia Gonzalez (2020) confirma em porcentagens a presença da mulher negra em profissões de nível superior ser extremamente baixa nas funções de mais prestígio social. “[...] das empresárias e administradoras, a presença da mulher negra é quase de invisibilidade: 2,5% para 8,8%.” (Gonzalez, 2020. p. 99). Portanto, nas duas histórias as personagens negras estão longe de fazerem parte do grupo de mulheres que exercem funções de prestígio e nível superior.

Pelo contrário, a realidade que as mulheres negras vivem no Brasil impossibilita que elas tenham acesso à educação, muito menos permite que cheguem à graduação. Portanto, foi constatado, no que diz em níveis ocupacionais, a população de cor se encontra, predominantemente, nos níveis mais baixos, igualmente, é o grupo que menos recebe benefícios do retorno que a educação permite. Esses fatos são comprovados ao relacionar o nível educacional ao nível de renda entre os dois grupos raciais, no qual foi constatada uma grande diferença de renda entre brancos e negros, ainda que o nível educacional seja o mesmo. (Gonzalez, 2020).

Em “Kuxinga”, a protagonista encontra-se exposta a uma série de situações de vulnerabilidade; ela é atravessada pelo racismo e preconceito devido ao seu status social. As narrativas de Paty Wolff possibilitam explorar as diversas consequências do imbricamento das opressões de raça, gênero e classe social. Desse modo, pode-se refletir acerca dos papéis das personagens como empregada doméstica e como vendedora ambulante, a partir da proposta do feminismo decolonial de Françoise Vergès (2020). O trabalho exercido pela protagonista “possibilita o funcionamento de qualquer sociedade e deve permanecer invisível.” (Vergès, 2020, p. 24). Por isso, estudar a partir da perspectiva de um grupo que é atravessado pelo racismo, pela desigualdade de gênero e o rebaixamento do status social requer uma abordagem que compreenda o cruzamento dessas problemáticas.

A própria Paty Wolff reforça, em uma entrevista, a importância de incorporar essas questões em sua obra: “Elas estão presentes porque tensionam a vida dos corpos, que protagonizam minha escrita e imagens. A linguagem é poder, temos que

tomar para nós esse instrumento e provocar a hegemonia de pensamento e de dominação.” Dessa forma, sua narrativa não apenas reflete a realidade vivida pelas mulheres negras, mas também atua como uma ferramenta de subversão das opressões estruturais. Além disso, a autora afirma: “Tudo se atravessa, é atravessado. Tento descolonizar o pensamento diariamente, e minha escrita organizar meus pensamentos sobre essas questões.” Essa perspectiva evidencia como sua obra dialoga com o conceito de interseccionalidade, representando os múltiplos atravessamentos que conformam a experiência das personagens negras.

Ao estabelecer uma relação entre as teorias e o conto, torna-se evidente como a literatura reflete e problematiza as relações de poder e as injustiças sociais que estruturam a sociedade brasileira desde a sua formação. Portanto, concluímos que as produções literárias mato-grossenses são um meio de visibilizar e valorizar as vozes marginalizadas, igualmente possibilitando a construção de narrativas que representam as múltiplas realidades sociais do Brasil. Na história, a experiência da protagonista é representada pela precariedade dos direitos básicos, sobretudo por fazerem parte de um grupo social que sustenta as classes dominantes no poder.

Através da análise da narrativa de uma escritora negra que escreve sobre si, foi possível explorar como a protagonista representa a realidade das mulheres invisíveis e os seus cotidianos atravessados pelas opressões de raça, gênero e classe social. Felizmente, a literatura, as teorias decolonial e interseccional permitem visibilizar os grupos sociais de mulheres excluídas e marginalizadas. Por isso, ao reconhecermos e valorizarmos essas vozes, esperamos contribuir para a construção de narrativas mais inclusivas e representativas em nossa sociedade.

### 3.3. Resistência e Colonialidade: Diálogos Entre “Mwangaza” e “Bájá” de Paty Wolff

A singularidade presente na forma e no conteúdo das narrativas de Paty Wolff remete a um estilo literário marcado por características próprias do conto contemporâneo. Destaca-se o uso de uma linguagem minimalista, em que a autora busca a precisão das palavras para transmitir significados profundos. Neste capítulo, analisaremos como os elementos que definem o conto contemporâneo estão presentes, em “Mwangaza” e “Bájá”, de Paty Wolff, que compõem o corpus desta pesquisa.

Como observa Alfredo Bosi (2015), o contista é como um pescador que captura “momentos singulares cheios de significações” (Bosi, 2015, p. 9). Essa metáfora dialoga diretamente com as narrativas de Wolff, que exploram experiências de opressão em contextos marcados pelo colonialismo e pela privação da liberdade. Nos contos “Mwangaza” e “Bájá”, momentos aparentemente breves e cotidianos tornam-se carregados de significados mais amplos, revelando tanto a desumanização quanto às estratégias de sobrevivência e afirmação das protagonistas.

Neste subcapítulo, analisamos como esses contos articulam temáticas como temporalidade, espaço e resistência, construindo imagens literárias que dialogam entre si e com a história da diáspora africana. Ambas capturam momentos de profunda desumanização, mas também apontam para formas de subjetividade das protagonistas. Além disso, exploraremos como o conceito de colonialidade do ver, proposto por Joaquín Barriendos, pode ser utilizado para interpretar a ilustração que complementa o conto “Bájá”, ampliando a discussão das narrativas.

O microconto que compõe a obra *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021) “Mwangaza” em termos de estrutura, está posicionado em uma “folha respiro”, uma página em branco que consiste em uma escolha editorial que oferece para ao leitor uma pausa visual para depois inserir a história. Essa característica gera um descanso dos estímulos visuais da obra, mas também sugere dar lugar para uma reflexão mais profunda do microconto em sua potencialidade.

O conto acompanha uma nota de rodapé com o significado do seu título; “Ilumina”, na língua iorubá, contextualizando a história e sugerindo uma interpretação. Elementos como título, a construção visual e a estrutura do conto, amplia a construção de significados e conecta as formas visuais e textuais presentes na obra de Paty Wolff.

O ambiente onde se passa a história é um navio. A narradora em primeira pessoa descreve estar vivendo um confinamento, onde a sensação é de duradouro desconforto, e o seu corpo se encontra espremido, com muitas pessoas em um espaço pequeno, escuro e desconfortável. Ela só sabia que era dia porque uma réstia de luz batia sobre o seu peito nu. A narradora detalha: “De vez em quando sentia uma cabeça em meus pés, uns pés em minhas costelas, minhas costelas pressionando o casco frio do navio” (Wolff, 2021, p. 14). Neste contexto Carla Akotirene destaca que:

É oportuno descolonizar perspectivas hegemônicas sobre a teoria da interseccionalidade e adotar o atlântico como locus de opressões cruzadas, pois acredito que esse território de água traduz, fundamentalmente, a história e a migração forçada de africanos e africanas (Akotirene, 2019, p. 15).

Em paralelo, o conto “Bájá”, que integra o corpus deste trabalho (que é analisado em diálogo com “Mwangaza”), apresenta uma narrativa compacta e impactante. As narrativas escrita e ilustrada de “Bájá” contemplam três páginas da obra, tanto a ilustração, quanto o texto possuem um fundo laranja. Desse modo, a ilustração criada para o próprio conto, foi concebida a partir de uma fotografia que “viralizou” nas redes sociais, no ano de 2019, na qual duas mulheres, cada uma, empunhava um facão. Paty identificou na imagem “viralizada” a força que aquelas mulheres representavam ao encontro com as personagens da sua história, então propôs a releitura da fotografia com as características de Wantsu e Rusha (Wolff, 2023). Na obra, a ilustração se encontra centralizada em duas páginas do livro aberto, sobre um fundo pintado de laranja estão duas mulheres. A mulher da direita representa uma mulher negra e a do lado esquerdo uma mulher indígena, elas estão lado a lado uma da outra, de mãos dadas. As outras mãos delas estão empunhando um grande facão.



Figura 3 - Ilustração do conto "Bájá"

É interessante perceber que as posições em que elas estão são exatamente no meio das duas páginas do livro quando está aberto. Observa-se na lombar, a parte interna que une as páginas do livro, separa e une também as duas mulheres. Através da separação delas pela linha que costura a lombar, é possível interpretar como a representação das diferenças existentes entre suas raças, pois uma é negra e a outra é indígena, mas também, nota-se que elas são unidas pelo mesmo material (a linha costurada na lombar) e pelo mesmo motivo que as separam, ou seja, a privação da liberdade, explorações de seus corpos e seus povos, os sentimentos de dor e revolta causados pelo colonialismo.

Além dos seus cabelos igualmente soltos, suas vestimentas coloridas com estampas africanas e indígenas, também é possível notar suas expressões faciais revelando um sentimento de possível insurreição. Wolff explica o significado e sua intenção ao criar a ilustração: “O livro tem na maioria dos contos o protagonismo feminino. Como era uma ilustração horizontal, ao centralizar a imagem, cada uma ocuparia uma página. Mas, principalmente, elas representam a luta pela liberdade negra e indígena” (Wolff, 2025, p. 102). Ver Apêndice B. A intenção de evidenciar o protagonismo feminismo se conecta com os conceitos teóricos que fundamentam este trabalho, singularmente a “colonialidade do ver”, conforme abordado por Barriendos. Para o autor, o olhar colonizado determina narrativas visuais que agem na desumanização e objetificação de corpos racializados, reproduzindo hierarquias de poder e dominação (Barriendos, 2019).

A história é narrada por uma voz onisciente que descreve duas mulheres escravizadas sendo levadas ao encontro do sinhozinho até a casa grande, criando um momento marcado pela apreensão e angústia, simbolizando o peso das relações de poder entre senhores e escravizados. As protagonistas são representadas por uma mulher indígena e uma mulher negra, submetidas à escravidão, durante o período colonial.

O patrão, embriagado, aguarda no quarto. No momento em que se prepara para violentá-las, uma ação surpreendente ocorre. Uma das protagonistas, Wantsu, consegue desprender-se das correntes que a prendem e aplica no homem um golpe conhecido como mata-leão, fazendo com que ele perca a consciência.

Pensando nos espaços destacados - o estábulo improvisado de senzala onde as protagonistas estavam presas, o pátio onde era varrido o café e elas passaram acorrentadas, e o quarto da casa grande, onde ocorre o desfecho surpreendente - cumprem uma função simbólica ao reforçar a violência sistematizada e vivida por pessoas escravizadas durante o período colonial no Brasil.

Na casa grande com o sinhozinho desmaiado, Rusha fecha sua boca com uma fronha e tira a sua roupa, enquanto Wantsu revela um objeto escondido. Ao recuperar

a consciência, o patrão se depara com um reluzente facão em mãos de Wantsu. A história culmina com uma descrição visceral do facão sendo deslizado pela perna nua do homem até a sua virilha, seguido por um longo gemido e um desmaio.

Não poderia ser coincidência o título de “Bájá” ter como significado “Luta” na língua iorubá. Ao denominar o conto, a autora Paty Wolff cria uma expectativa sobre a temática central da história, traduzida na luta pela liberdade contra a opressão que os povos colonizados enfrentaram na colonização do Brasil.

Paty Wolff cria suas protagonistas Wantsu e Rusha lutando e resistindo às violações de seu opressor. O título reflete a essência de resistência que atravessa a história. O conto estruturado de forma precisa assim como “Mwangaza”, é carregado de intensidade emocional ao expor a reação da protagonista diante as violações que ela estava submetida e lança luz sobre a sobreposição das opressões de raça, gênero e classe que marcam o contexto da colonização do Brasil.

A autora revela que os seus contos retratam momentos intensos de violência nas variadas relações de conflitos, gerando momentos de revolta diante o sofrimento dos personagens. Por esse motivo, para a Paty Wolff o processo de escrita do “Bájá”, assim como outros contos que compõem o livro, foram histórias muito difíceis de escrever, devido às angústias vividas entre as escritas, sendo necessário pausas para encontrar alívio e então retomar o trabalho. “Muitos momentos de parar, chorar, respirar ou mesmo retornar no outro dia à escrita para aliviar” (Wolff, 2023).

Em “Mwangaza”, quando a narradora conta que ao refletir a réstia de luz dentro do convés escuro, ela “[...] sabia se já tinha virado o dia, mas não por quanto tempo estávamos lá” (Wolff, 2021, p. 14). A incerteza da protagonista quanto a passagem do tempo na história sugere opressão psicológica que envolvia um tráfico transatlântico e transmite a perda de referência temporal, uma condição comum nos relatos de pessoas escravizadas em navios negreiros, acentuando o caráter desumanizador da experiência.

A fim de relacionar aspectos da modernidade presentes no conto contemporâneo, tanto em sua forma, quanto em seu conteúdo, os espaços emergem

como elementos importantes nas narrativas. Para isso, é essencial retomar o contexto histórico da modernidade. No Brasil, esse período teve início com o processo de colonização, entre os séculos XVI e XIX. Walter Mignolo (2017), destaca que a colonialidade está intrinsecamente vinculada à modernidade, sendo considerada o seu lado obscuro, marcado pela exploração, pela opressão dos povos colonizados.

Nesse sentido, a literatura, enquanto forma de arte que reflete sobre a modernidade, desempenha um papel fundamental. O crítico literário Anatol Rosenfeld (1994) argumenta que a literatura participa desse processo revolucionário das artes iniciado por volta de 1890, período em que um novo sentimento de vida e uma nova realidade começaram a ser assimilados e expressos de forma inovadora. Assim, a transformação literária não apenas reflete, mas também questiona as complexidades e as contradições da modernidade, como é demonstrado nas narrativas “Mwangaza” e “Bájá” de Paty Wolff.

O convés, no enredo de “Mwangaza”, não é apenas o espaço físico de confinamento; ele se torna um símbolo do peso da opressão colonial. A lógica da colonialidade descrita no texto, evidencia que as práticas econômicas e epistêmicas da modernidade consolidaram estruturas de exploração racial e econômica, transformando vidas humanas em mercadorias, de acordo com Mignolo (2017) Nesse sentido, a descrição do espaço feita pela narradora-personagem revela as camadas de desumanização que sustentaram a modernidade: corpos oprimidos, costelas pressionadas contra o casco frio e a ausência total de autonomia.

Ao mesmo tempo, a réstia de luz que atravessa a fresta na escuridão é carregada de simbolismo. A imagem pode ser interpretada à luz da colonialidade do ver, que evidencia como os regimes visuais da modernidade estruturam hierarquias de dominação ao racializar e objetificar corpos. Tal fato destaca a transformação dos corpos confinados em “objetos”.

Dessa forma, esse detalhe também é fundamental para compreendermos o título “Mwangaza”, além de oferecer uma chave de leitura para as ilustrações de Paty Wolff, nas quais ela explora diferentes tonalidades da pele negra, conferindo múltiplas

perspectivas a esses tons e suas representações no contexto da colonialidade. Acrescenta-se que, ao detalhar que o feixe de luz do sol batia no peito nu pode-se transmitir a vulnerabilidade e o quanto a protagonista estava exposta.

O navio negreiro em “Mwangaza”, e o quarto da casa grande em “Bájá”, enriquecem as narrativas tanto no aspecto formal quanto no temático, operando como espaços de opressão que carregam simbolismos históricos. Ambos os cenários são representações de ícones da modernidade, sendo o navio um marco fundamental para o deslocamento humano forçado no contexto colonial e o quarto da casa grande concebe uma metáfora para as relações desiguais de poder e exploração. Esses espaços ambientam as histórias e dialogam diretamente com a construção das temáticas que resultam na desumanização e demonstram a luta pela liberdade.

Fazendo um paralelo com o longo processo de tráfico marítimo de africanos escravizados, durante a colonização no Brasil, pode-se dizer que a movimentação desse mercado exigia grandes e complexas organizações. De acordo com Rodrigues (2000), havia a participação de diversos agentes históricos no esquema de tráfico humano, entre eles os “pobres e escravos traficados ou já nascidos no Brasil” (Rambelli, 2020, p. 67). Gilson Rambelli explica sobre como era a viagem de volta da África para o Brasil:

Uma vez a bordo, o carregamento dos escravos era feito de maneira organizada; para aí sim, poder levantar âncoras, mesmo sem a certeza do feliz regresso. De volta ao Brasil, tudo recomeçava, tendo como ponto de partida o desembarque dos escravos (Rambelli, 2020, p.67).

Portanto, é neste contexto que a protagonista de Paty Wolff vive, testemunhado da pior forma, o nascimento do período histórico moderno no Brasil, como uma mulher escravizada.

Além da dimensão da opressão, ambas as obras exploram a luta por liberdade e a busca por justiça, revelando nuances que transcendem a mera oposição binária entre opressor e oprimido, mas que alcança uma visão certa de empoderamento racial e de gênero.

Considerando a intersecção entre a literatura e outras manifestações artísticas, como as ilustrações, surge um campo fértil para explorar as narrativas das mulheres negras. Esse trabalho sugere um diálogo que pode colaborar para a ampliação da literatura escrita por mulheres negras no estado de Mato Grosso, na contemporaneidade, impactando a criação de novas identidades culturais e, por fim, viabilizando reflexões sobre as experiências desses sujeitos, descolonizando nossa forma de ver e pensar.

As narrativas escritas e ilustradas de Paty Wolff, "Mwangaza" e "Bájá", encontram-se em um diálogo simbólico e estético que atravessa as barreiras do texto escrito. Essas histórias sistematizam, de forma singular, temáticas de opressão, resistência e agência feminina no contexto colonial, conectando elementos históricos e simbólicos que dialogam diretamente com questões contemporâneas sobre raça, gênero e poder.

O estudo dos espaços narrativos – o convés do navio negreiro em "Mwangaza" e o quarto da casa grande em "Bájá" – revela a intencionalidade da autora em representar a dimensão material e simbólica da opressão colonial. Esses espaços são construídos não apenas como cenários, mas como agentes narrativos que ampliam o impacto das histórias ao conectarem as protagonistas às dinâmicas de exploração. Em ambos os casos, os espaços configuram-se como locais que representam a crueldade do sistema colonial.

O convés do navio negreiro, por exemplo, simboliza a condição de cativo, humilhação e perda de identidade enfrentada pelos africanos escravizados durante a travessia atlântica. Da mesma forma, o quarto da casa grande representa o local onde a hierarquia racial e de gênero da sociedade colonial se manifesta, com as protagonistas sujeitas à exploração física, sexual e psicológica. Apesar da opressão desses locais, eles também se tornam espaços de sobrevivência e de afirmação da subjetividade das protagonistas.

A temporalidade fragmentada em "Mwangaza", refletida na confusão da protagonista quanto à passagem do tempo, dialoga com a estrutura rígida e tensa de "Bájá", em que a luta é descrita de forma sucinta e intensa. Essa abordagem temporal reflete a desorientação causada pela experiência colonial, ao mesmo tempo que subverte a linearidade típica das narrativas dominantes, criando espaço para a expressão de perspectivas marginalizadas.

A integração entre as narrativas também se dá por meio do uso simbólico de elementos visuais, como a luz em "Mwangaza" e o facão em "Bájá". A réstia de sol que ilumina o peito nu da protagonista no convés do navio funciona como um ponto de contraste à escuridão opressiva, simbolizando uma esperança resiliente em meio à desumanização. Por outro lado, o facão empunhado por Wantsu e Rusha em "Bájá" é tanto um instrumento de enfrentamento, quanto um símbolo de agência, marcando a rejeição ativa às estruturas de poder colonial.

Além disso, a ilustração de "Bájá" desempenha um papel crucial na integração das narrativas. Inspirada por uma imagem viralizada, a representação visual das protagonistas de mãos dadas, cada uma empunhando um facão, subverte o olhar colonizador ao propor um retrato de empoderamento feminino. A centralidade da ilustração na composição do livro reforça a ideia de unidade entre as histórias, enquanto a divisão simétrica entre as páginas abertas sugere tanto a separação quanto a união entre as protagonistas.

Por fim, a análise integrada de "Mwangaza" e "Bájá" à luz da colonialidade do ver, proposta por Joaquín Barriendos, amplia a compreensão das narrativas, evidenciando como as estruturas visuais e narrativas podem tanto reproduzir quanto resistir às hierarquias coloniais. A representação de mulheres negras e indígenas em posições ativas de luta, subverte as representações hegemônicas e promove uma descolonização das narrativas visuais e textuais. Assim, Paty Wolff contribui para a criação de espaços literários e artísticos que acolhem e celebram a diversidade de experiências e perspectivas das mulheres racializadas.

Dessa forma, ao articular as histórias de "Mwangaza" e "Bájá", Paty Wolff não apenas revisita as marcas do colonialismo na história brasileira, mas também propõe novas possibilidades de retratar a subjetividade, construindo narrativas que dialogam com o passado para iluminar o presente e o futuro. Tal perspectiva amplia o debate ao passo que aborda a questão da decolonialidade e da resistência feminina. Por outro lado, ao suscitar discussões latentes como visibilidade de grupos marginalizados, empoderamento e desconstrução de narrativas hegemônicas, ambos os trabalhos se justificam enquanto obras de importante análise. O foco em mulheres que enfrentam sistemas opressores, a visibilidade dada aos grupos que historicamente foram marginalizados e silenciados. Tais representações combatem estereótipos e promovem a reflexão sobre tais estruturas sociais. Além de refletir sobre as narrativas dominantes, as quais perpetuam desigualdades, de modo a contribuir com a desconstrução de estereótipos e com o questionamento sobre as estruturas de poder.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação investigou a interseccionalidade e a decolonialidade nos contos “Mwangaza”, “Bájá” e “Kuxinga”, bem como nas ilustrações, presentes na obra *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021), e “Três contos de Paty Wolff” (2020). As análises demonstram que, ao integrar o texto e a imagem, Wolff propõe um novo campo simbólico para a população negra, ressignificando narrativas e reafirmando a importância de abordagens interseccionais e decoloniais na literatura contemporânea.

Para atingir esse objetivo, no primeiro capítulo fundamentamos a pesquisa pelos conceitos de decolonialidade (Quijano, 2005; Mignolo, 2017; Grosfoguel, 2016) e interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Vergès, 2020; Gonzalez, 2020; Akotirene, 2019), evidenciando como raça, gênero e classe estruturam desigualdades desde a era colonial. Também nos embasamos no conceito de colonialidade do ver (Barriandos, 2019) para compreender a relação entre as ilustrações e os contos, sob uma ótica decolonial.

No segundo capítulo, refletimos acerca da presença de mulheres negras na literatura brasileira, desde Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, até a presença de autoras contemporâneas mato-grossenses, como Paty Wolff. A obra *Como pássaros no céu de Aruanda* (2021), também foi estudada no contexto da Editora Entrelinhas, corroborando a sua participação no mercado literário e na valorização da literatura do estado. Também exploramos como a obra de Wolff dialoga com a autoficção (Faedrich, 2002; Lejeune, 2008), e a escrevivência de Conceição Evaristo, como um conceito que contribui para afirmar a literatura como espaço de denúncia. Além disso, discutimos o conto e o microconto como estruturas narrativas estratégicas para condensar histórias intensas e gerar impacto (Piglia, 2004; Bosi, 2015).

No terceiro capítulo, analisamos os contos de Wolff sob uma perspectiva interseccional e decolonial, evidenciando como sua obra denuncia múltiplas opressões e resgata símbolos da resistência. Os contos “Cítrica mexerica”, “Manga verde com sal”, “Melado com farinha” abordam momentos de amadurecimento das

protagonistas, onde traumas, descobertas e experiências sensoriais são atravessados por desigualdades estruturais. No conto “Kuxinga”, a narrativa expõe a precarização e a invisibilidade do trabalho feminino negro, enquanto “Mwangaza” e “Bájá” revisitam o passado colonial para retratar as violências impostas às mulheres negras e indígenas, abordando a desumanização no tráfico transatlântico, a exploração da força de trabalho e dos seus corpos, e por fim, a resistência diante da violência patriarcal. A ilustração de “Bájá”, foi inspirada em uma fotografia viralizada nas redes sociais de duas mulheres empunhando facões, ressignifica a luta feminina negra e indígena e subverte o olhar colonial ao destacar a força e subjetividade das protagonistas escravizadas.

Ao longo deste trabalho, analisamos como Paty Wolff ressignifica a experiência da mulher negra na literatura brasileira, articulando narrativas que problematizam a marginalização e a violência histórica contra corpos negros, mas também reafirmam a resistência e ancestralidade. Igualmente, as ilustrações complementam os textos expandindo as camadas de significado, comprovam que a imagem, assim como a palavra, atua ativamente na construção de novas narrativas literárias. Portanto, a obra de Paty Wolff contribui significativamente para a construção de narrativas interseccionais e decoloniais, promovendo novas representações das experiências das mulheres que enfrentam diariamente as opressões de gênero, raça e classe. Seus contos e ilustrações desafiam discriminações históricas e recriam identidades, incentivando novas produções acadêmicas e literárias.

Por fim, com esta dissertação não pretendemos esgotar as possibilidades interpretativas da produção de Paty Wolff. Pretendemos, sim, contribuir para que novas pesquisas possam se debruçar sobre suas obras, aprofundando análises e explorando outras perspectivas. Assim, mais do que uma conclusão, este estudo propõe um convite à continuidade do debate sobre a importância da literatura negra contemporânea e da valorização de narrativas que rompem silêncios históricos e ampliam a pluralidade de vozes na literatura brasileira.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Jandaíra, 2019. 152 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).
- ARRUDA, Juliana Ferreira de Almeida. **Artista Paty Wolff: Contribuição para Educação das Relações Étnico-Raciais de Estudantes da Educação Básica**. Dissertação (Mestrado Profissional em Arte) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2024.
- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- BARRIENDOS, Joaquín. *A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico*. Tradução de Ariane Fagundes Braga e Leo Name. **Epistemologias do Sul**, v. 3, n. 1, p. 38-56, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul>. Acesso em: 10 dez. de 2024.
- BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mímesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- BOSI, Alfredo. **O Conto Brasileiro Contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006
- CARBONIERI, D. A CASA DO POSTO DE LARISSA CAMPOS: UMA ROAD FICTION AUTOFICCIONAL E DECOLONIAL: A CASA DO POSTO BY LARISSA CAMPOS: AN AUTOFICCIONAL AND DECOLONIAL ROAD FICTION. **Revista Decifrar**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 42–59, 2024. Disponível em: [//www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/13603](http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/13603). Acesso em: 4 jul. 2024.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CRENSHAW, K. Documento painel 1 cruzamento: raça e gênero. *Estudos feministas*, v.10, n.1, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 31, p. 87–110, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9434>. Acesso em: 3 jul. 2024.

DIAS, Ayana Moreira. Negras vozes de mulheres: resenha do livro Carolinas (2021). **Opiniões**, São Paulo, Brasil, n. 18, p. 595–601, 2021. DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.188997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/188997>.. Acesso em: 1 jul. 2024.

EVARISTO, Ev. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Palmares: Cultura afro-brasileira*, Brasília, p. 52-57, set. 2005. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos/revistas/revista01.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 2ª edição. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2016.

FAEDRICH, Anna. Teorias da autoficção. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2022.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. São Paulo: Zahar, 2020.

GROSGOUEL, Ramón. *Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial*. Tradução de Larissa Pelúcio. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 337-362, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/contemporanea>. Acesso em: 20 dez. 2024.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LUDERMIR, Julio (Org.). Carolinas – A nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Disponível em: 19 <https://bazardotempo.com.br/loja/carolinas-a-nova-geracao-de-escritoras-negras-brasileiras/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 1992.

MATHIAS, Pedro (ed.). Multiartista, ativista e mãe do Léo: quem é Paty Wolff, escritora de MT finalista do Prêmio Jabuti: Moradora de Cuiabá, ela foi indicada na categoria Literatura por 'Como pássaros no céu de Aruanda'. Cuiabá: Pedro Mathias, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2022/11/27/multiartista-ativista-e-mae-do-leo-quem-e-paty-wolff-escritora-de-mt-finalista-do-premio-jabuti.ghtml>. Acesso em: 7 jul. 2024.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, n. 1, p. 12-32, 2017.

MOREIRA, Robson Nogueira. *Leituras em torno de Olhos d'água, de Conceição Evaristo*. 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

PEREIRA, Danglei de Castro (org.). *Úrsula e outras obras* de Maria Firmina dos Reis. 1. ed. São Paulo: Edições Câmara, 2018.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PINHO, Vilma Aparecida de; GRUNENVALDT, José Tarcísio. *Homens negros, futebol e memórias coletivas em Mato Grosso*. Revista Teias, v. 21, n. 62, p. 263-277, jul./set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/teias.2020.49716>. Acesso em: 5 jan. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMBELLI, Gilson. Tráfico e navios negreiros: contribuição da Arqueologia Náutica e Subaquática. **Revista Navigator**, [s. l.], ano 2016, v. 2, ed. 3, p. 59-72, 12 ago. 2020. Disponível em:

<https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/215/195>.

Acesso em: 4 jul. 2024.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, Jaime. O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800 – 1850). Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/contexto: literatura e sociedade**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

TRÊS contos de Paty Wolff: Cítrica mexerica Manga verde com sal Melado com farinha. In: Três contos de Paty Wolff: Cítrica mexerica Manga verde com sal Melado com farinha. Cuiabá: Lívia Bertges, 26 set. 2020. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/tres-contos-de-paty-wolff/>. Acesso em: 4 jul. 2024.

VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial Trad. de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

WOLFF, Paty. Como pássaros no céu de Aruanda. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2021.

## APÊNDICE A-TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PATY WOLFF

**KMSM:** Por que escrever contos?

**PW:** A escrita do primeiro livro foi tão intuitiva, que eu nem sabia que estava escrevendo microcontos. Depois de ganhar o mundo com um livro, uma publicação, comecei a ler mais sobre literatura para entender o que produzo e onde quero chegar. Acredito que hoje eu tenha mais consciência do que quero escrever. Mesmo assim, deixo fluir o nascer das histórias na forma em que elas querem ganhar o mundo.

**KMSM:** Como você considera a relação entre o conto e as ilustrações na criação das histórias? Em que momento do processo as ilustrações entram: antes, durante ou depois da escrita? Como foi com *Como Pássaros no Céu de Aruanda*?

**PW:** Depende muito de como a narrativa nasce. Se ela nasce pelas imagens ou se nasce pelas palavras. *Como Pássaros...* nasceu com as palavras, depois de selecionado para publicação, ganhou as imagens, que trazem outras narrativas ao livro.

**KMSM:** Quais escritores e/ou artistas regionais servem como referências para as suas criações? Como essas influências aparecem de forma visual e textual no livro?

**PW:** Até a escrita de *Como Pássaros*, eu não lia escritores de MT, na escola nunca fui apresentada, somente aos clássicos brasileiros, como se artistas locais não fossem literatura brasileira. Hoje, tenho referências, como Luciene Carvalho, mas procuro ler vários.

**KMSM:** Os seus contos podem ser considerados como as suas escrevivências?

**PW:** Acredito que sim, ficcionalizo realidades coletivas, que não vivi, mas muitos elementos que compõem a narrativa me atravessam e constituem minhas raízes no individual.

**KMSM:** Como as problemáticas de gênero, raça e classe são representadas em seus contos e ilustrações? Como você pensa o papel da literatura e da arte na desconstrução dessas opressões?

**PW:** Elas estão presentes, porque tensionam a vida dos corpos que protagonizam minha escrita e imagens. A linguagem é poder, temos que tomar para nós esse instrumento e provocar a hegemonia de pensamento e de dominação.

**KMSM:** A sua obra, tanto as ilustrações quanto os contos, parecem dialogar com o conceito de interseccionalidade. Como você considera a interseção entre raça, gênero e classe no livro?

**PW:** Tudo se atravessa, é atravessado. Tento descolonizar o pensamento diariamente, e minha escrita organiza meus pensamentos sobre essas questões.

**KMSM:** O conceito de (de)colonialidade do ver também aparece em seu trabalho. Como você lida com a desconstrução dessa visão colonial na arte contemporânea?

**PW:** Diariamente, na minha vida pessoal, há essa tentativa de desconstrução. Minhas obras refletem essa luta interna, são exercícios de imprimir outras matrizes como descolonização do olhar, do pensamento e das representações.

**KMSM:** Como foi a sua mudança de Cacoal, RO para Cuiabá, MT?

**PW:** Era muito criança, com 2 anos. Só tenho lembranças a partir dos 5 ou 6 anos.

**KMSM:** Você se considera uma escritora mato-grossense?

**PW:** De Mato Grosso, em Mato Grosso, mato-grossense de coração, mas continuo rondoniense.

**KMSM:** Como você se sente com o seu trabalho sendo objeto de pesquisa acadêmica?

**PW:** Considero, além de uma validação para meu trabalho como referência acadêmica, a valorização de pesquisas que buscam descolonizar narrativas e pensamento. Isso fortalece a continuação de minhas práticas, investigações e produções.

**KMSM:** Alguns dos seus contos narram personagens femininas na fase da infância e adolescência sendo confrontadas por situações de preconceitos e violências, como é escrever sobre isso?

**PW:** Dolorido muitas vezes, por conta que muita coisa me atravessa nessas histórias, mas é necessário falar de assuntos que atingem muitas meninas e mulheres. Violências que precisam ser denunciadas e combatidas.

**KMSM:** Qual é o maior desafio em ser uma escritora negra na contemporaneidade?

**PW:** Estou num movimento contemporâneo de valorização dessas narrativas afrocentradas, do orgulho negro, porém, temos movimentos ainda de racismo e ódio contra esses corpos. O desafio é tomar a linguagem, que é poder, e construir narrativas que colaborem para desconstruir o racismo estrutural.

**KMSM:** Que influência as escritoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus exerceram na sua vida?

**PW:** Carolina foi um divisor de águas na minha vida. Fui descobrir ela adulta e aprofundar a leitura em uma formação literária e sua escrita e sua história me inspiraram a seguir em frente como escritora. Conceição também, uma potência, que alimenta minha vontade de contar histórias, que geralmente não estão nos livros.

**KMSM:** Qual efeito você espera que o seu trabalho tenha nos leitores, principalmente sobre as questões raciais e de gênero?

**PW:** Gosto de trabalhar temas fraturantes. Acredito que existem feridas abertas coletivas, herança de outras épocas, e que precisam ser lavadas para acelerar a cicatrização. Gostaria que meu trabalho impactasse as pessoas para construírem ações antirracistas.

**KMSM:** Há algum projeto futuro que explore essas problemáticas que você gostaria de compartilhar?

**PW:** Nesses quase quatro anos desde o lançamento de *Como Pássaros*, amadureci minha escrita e minha relação com editoras. Tenho projetos que em breve serão publicados. Temas como imigração haitiana, identidade e cultura afro-brasileira, impactos socioambientais em comunidades negras na Amazônia têm atravessado minhas narrativas. Sempre pensando esse corpo negro no mundo.

## APÊNDICE B - ENTREVISTA COM PATY WOLFF SOBRE "BÁJÁ" E SEU PROCESSO CRIATIVO

**KMSM:** Como surgiu a ideia para o conto "Bájá"? Há alguma referência histórica ou inspiração específica por trás dessa narrativa?

**PW:** A ideia para "Bájá" surgiu a partir de reflexões sobre resistência e insubmissão das mulheres negras e indígenas durante a colonização. Sempre me interessei pelas narrativas de luta que não são tão amplamente exploradas na literatura tradicional. O conto foi inspirado em histórias de resistência de mulheres escravizadas que, diante da violência sistemática, reagiram e buscavam meios de libertação. A fotografia que viralizou em 2019, mostrando duas mulheres empunhando facões, também foi um gatilho criativo para a construção visual das personagens.

**KMSM:** Como foi o processo de construção das protagonistas Wantsu e Rusha? Elas possuem alguma referência em figuras reais ou são totalmente ficcionais?

**PW:** Wantsu e Rusha são personagens que representam mulheres invisibilizadas pela história oficial, mas que existiram em diferentes contextos. Eu quis criar figuras que refletissem a força dessas mulheres e suas trajetórias de luta contra a opressão. Os nomes delas foram escolhidos com base em referências culturais africanas e indígenas, buscando reforçar a identidade ancestral de cada uma. Elas são uma fusão de muitas histórias reais de resistência que pude acessar por meio de pesquisas.

**KMSM:** A ilustração do conto foi feita especialmente para ele?

**PW:** Sim.

**KMSM:** As duas mulheres lado a lado, nas duas páginas, a posição exata delas no livro ser na divisão das páginas foi proposital?

**PW:** Sim. O livro tem na maioria dos contos o protagonismo feminino. Como era uma ilustração horizontal, ao centralizar a imagem, cada uma ocuparia uma página. Mas, principalmente, elas representam a luta pela liberdade negra e indígena.

**KMSM:** Como foi para você como artista e escritora, dar vida à ilustração e ao conto?

**PW:** Pra mim foi um grande encontro comigo mesma, me expressar por narrativas textuais. Juntar à narrativa visual já realizada, então, foi um grande privilégio. Encaro as duas formas textual e visual como narrar uma história ou criar uma poesia. Então, me sinto completa por expressar minhas ideias por ambos caminhos narrativos e poéticos.

**KMSM:** Qual o papel da ilustração na construção da atmosfera de “Bájá”? Você poderia falar um pouco sobre a escolha estética e a composição visual?

**PW:** A ilustração tem um papel essencial, pois não apenas complementa o texto, mas amplia sua leitura. Escolhi um fundo laranja vibrante para simbolizar a energia e a força da luta. A posição das personagens no centro do livro, divididas pela lombada, também sugere que, apesar das diferenças raciais entre elas, há um elo que as une na resistência. As roupas delas trazem elementos das culturas africanas e indígenas, enquanto a expressão de firmeza nos rostos indica a preparação para um ato definitivo.

**KMSM:** A narrativa de “Bájá” possui um tom de urgência e intensidade. Como foi seu processo de escrita? Você precisou fazer muitas revisões ou o conto fluiu de forma natural?

**PW:** Foi um dos contos mais difíceis de escrever. Eu precisei de várias pausas ao longo do processo, pois a carga emocional era muito intensa. Houve momentos em que precisei parar, respirar, e até chorar antes de continuar. A violência narrada em ‘Bájá’ é brutal, mas precisava ser contada dessa forma para fazer justiça às

histórias de resistência. Fiz algumas revisões, mas o tom de urgência sempre esteve presente desde a primeira versão.

**KMSM:** Como você enxerga o impacto de suas narrativas e ilustrações na literatura contemporânea?

**PW:** Acredito que minha obra contribui para ampliar as vozes das mulheres negras e indígenas na literatura. Meu desejo é que esses contos despertem discussões sobre memória, ancestralidade e resistência. Quero que as personagens sejam vistas não apenas como símbolos de dor, mas como figuras que desafiam as estruturas e constroem novas possibilidades de existência. Se minhas histórias puderem inspirar outras pessoas a escreverem e refletirem sobre esses temas, sentirei que cumpri um dos meus objetivos com a arte e a literatura.

## **APÊNDICE C -TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MARIA TERESA, EDITORA-CHEFE DA ENTRELINHAS EDITORA**

**KMSM:** Como foi o processo de publicação da obra de Paty Wolff pela Entrelinhas Editora?

**MT:** A Paty foi premiada por um edital, o Estevão de Mendonça, e me falou sobre a sua vontade de publicar essa obra. Uma coisa muito importante é que, na Entrelinhas, temos uma forma de trabalhar que talvez seja um pouco diferente de algumas editoras que produzem materiais sob encomenda. Nós temos uma linha editorial própria. Mesmo que o autor venha até nós com um prêmio em mãos, o livro passa por um processo de avaliação para ver se está alinhado com a nossa linha editorial. Se houver sintonia, aceitamos a publicação e iniciamos um processo de edição para aprimorar a obra da melhor forma possível, respeitando os objetivos do autor e da editora. Caso a obra não se encaixe, nós não publicamos. Ou seja, nossa seleção é pautada pelo alinhamento editorial e não apenas por questões financeiras. É sobre sincronia com a temática, a qualidade do texto, a estética literária e os valores que defendemos como editora.

**KMSM:** Como você enxerga o impacto da obra de Paty Wolff no mercado editorial e na literatura contemporânea?

**MT:** Quando colocamos um livro no mercado, ele passa a fazer parte de um universo amplo e se torna passível de diversas interpretações. É muito gratificante ver uma jovem como você estudando essa obra com tanta dedicação. Você está há dois anos analisando esse processo, e esse retorno que a academia nos dá é fundamental. Isso nos permite entender se estamos no caminho certo e se realmente estamos contribuindo com a sociedade da maneira como acreditamos. Uma obra não é feita apenas para receber elogios, mas para gerar discussões e reflexões.

**KMSM:** Como foi a repercussão da obra de Paty Wolff após sua publicação?

**MT:** Esse livro foi apresentado em um programa do município de São Paulo e foi adquirido para distribuição em todas as bibliotecas do Estado. Logo após sua publicação, inscrevemos a obra e ela foi selecionada para compor esse acervo. Além disso, foi indicada ao Prêmio Jabuti em um processo inicial. Acredito que era uma obra que merecia esse prêmio. A satisfação de ver esse reconhecimento é muito grande.